U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

O rio como autor e ator do território:
uma reflexão a propósito do Rio Torto

Paulo Jardel Nunes Mota

M

2024

U.PORTO

Paulo Jardel Nunes Mota.

O rio como autor e ator de um território: uma reflexão entre requalificação e natureza a propósito do Rio Torto

M.FAUP **2024**

O rio como autor e ator de um território:
Uma reflexão entre requalificação e natureza a propósito do Rio Torto
Paulo Jardel Nunes Mota

FACULDADE DE ARQUITETURA

O rio como ator e autor do território:
Um debate a propósito do Rio Torto

Notas

I

Este trabalho segue as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, implementado em território brasileiro entre 2009 e 2016, conforme oficializado no Brasil a partir de 1º de janeiro de 2016. Pode conter expressões ou linguagem coloquial associadas à pluralidade da língua portuguesa no território brasileiro.

II

Para este ilustrar este exercício o autor utiliza de um vasto acervo fotográfico coletado nos últimos quatro anos na Alemanha, Áustria, Brasil, Itália, Portugal e Suíça.

III

As citações transcritas, tanto no corpo de texto, como em notas de rodapé, foram traduzidas pelo autor da dissertação e transcritas em português ao abrigo do acordo referido, de maneira a permitir uma leitura fluída e uniforme.

IV

Por este trabalho lidar diretamente com o tema das relações geográficas entre *Lugares e Pessoas* e, com o Intuito de clarificar ou de até mesmo evitar determinismos geográficos e associações a pensamentos controversos do final do século XIX e inicio do século XX - Como por exemplo, o uso do trabalho de Friedrich Ratzel para embasar e defender idéias que foram catastróficas para a espécie humana na primeira metade do século XX), antes de propriamente iniciarmos, deixemos assumido uma linha de raciocínio que deve se fazer clara no decorrer deste trabalho;

É possível criar uma relação de causas e consequências diretas entre *Espaço Geográfico, Cultura e População*. Não podemos dizer que tal coisa não existe. A grande questão é entender que somente isso não basta para ser profundamente deterministas. Para além da ideia '*odisseica'* do *Nós e o Lugar* - como na *ilíada* de Homero, ou ainda melhor, como no *O Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa - Há ainda razões culturais, históricas, etnológicas e comportamentais mais complexas ou complementares que a própria geografia a Relação de troca entre *Homem e Lugar*.

O rio como ator e autor do território:
Um debate a propósito do Rio Torto

Orientação: Prof. Dr. Mário João Freitas Mesquita

Paulo Jardel Nunes Mota

Agradecimentos

À minha família, e especialmente aos meus pais, Francisco e Maria, por me ensinarem o que é casa e por sempre estarem ao meu lado apesar dos 6.142 km de distância.

À professora Madalena Pinto da Silva, ao diretor do MIArq. Professor Joaquim Moreno e ao Professor Mario João Mesquita - com quem tenho a alegria de compartilhar este trabalho - pela abordagem humanística, por ensinarem e fazerem muito além do que a academia propõe.

À FAUP como a instituição que me acolheu, me ensinou no decorrer dos últimos anos e me proporcionou grande parte das experiências descritas neste trabalho.

Às disciplinas de Projeto 5 e PTRI - Porto, Território e Redes de Invisibilidade, pela sua forte pertinência no meu processo de formação e pela introdução das questões que vieram a ser tema deste trabalho.

À amiga Eva Monteiro e ao amigo Arthur Dinis, pelas revisões e sugestões.

À minha segunda família no Porto pela companhia, apoio e acolhimento no decorrer dos últimos cinco anos:
Arthur, Bia, Clara, Guiga, Klaus, Léo, Junior, Marcos, Matheus e Nathi.

Para meu irmão Carlos,
Com quem teria sido um prazer partilhar estas *Derivas*.

Abstract

This work seeks, through an analysis based on personal and daily coexistence, to interpret issues related to the authorship and action of the forces of nature and the geography built by man within what we consider the urban environment. The aim is to provide critical thinking focused on the natural and artificial objects that constitute the relationship between these two parts and to understand what results in their dynamics, authorship, identity, belonging and the spaces that are produced there.

The main reason behind this work lies in a watercourse that crosses the Campanhã Valley, in the eastern region of the city of Porto. The so-called Torto River was my main object of study during the fifth year of my studies with the MIArq at the Faculty of Architecture of the University of Porto - FAUP and, through this approach, I was able to perceive an indissoluble relationship between the geography of the place, the river and the community that has developed in its images over the last few decades. In addition to analysis/criticism, the work aims to take a prospective look at the area, even if in a simple or even provocative way, with a view to finding small solutions that dignify the area and, above all, the river itself.

In the course of this work, it will be inevitable to revisit and exemplify some experiences from the last five years. During this time I have lived in Porto, Venice and Munich and I believe that although my interest in geography as a natural element and the city as something humanly constructed was born in Porto, the other two cities have played an essential role in shaping my perception and critical thinking on this subject. In these reports, I also share experiences lived in places where nature itself dictates profound rules and social organization of spaces, such as the Austrian Alps and the city of Rio de Janeiro.

Resumo

Este trabalho busca, através de uma análise baseada na convivência pessoal e cotidiana, interpretar questões relativas entre autoria e atuação das forças da natureza e da geografia construída pelo homem dentro daquilo que consideramos meio urbano. Pretende-se traçar um pensamento crítico focado nos objetos naturais e artificiais que constituem a relação entre estas duas partes e entender o que resulta em suas dinâmicas e os espaços que ali são produzidos.

A grande razão por traz deste trabalho está numa linha d'água que cruza o Vale de Campanhã, na região oriental da cidade do Porto. O chamado Rio Torto foi meu principal objeto de estudo durante o quinto ano dos meus estudos junto ao MIArq na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto - FAUP e, através dessa aproximação, pude perceber uma indissolúvel relação entre a geografia do lugar, o rio e a comunidade que se desenvolveu em suas imagens no decorrer das últimas décadas. Para além de uma análise/crítica, o trabalho se propõe em lançar um olhar prospectivo sobre aquela zona, mesmo que de maneira simples ou até provocativo, visando algumas pequenas soluções que dignificam aquela zona e principalmente o próprio rio.

No decorrer deste trabalho será inevitável revisitar e exemplificar algumas experiencias vividas nos últimos 5 anos. Neste período vivi no Porto, em Veneza e em Munique e, acredito que apesar do meu interesse entre geografia como elementos naturais e cidade como algo humanamente construído tenham nascido no Porto, as outras duas cidades desempenharam um papel de construção incontornável para minha percepção e pensamento crítico acerca deste tema. Nestes relatos também compartilho experiencias vividas em lugares em que a própria natureza dita profundas regras e organizações sociais dos espaços, como nos Alpes Austríacos e na cidade do Rio de Janeiro.

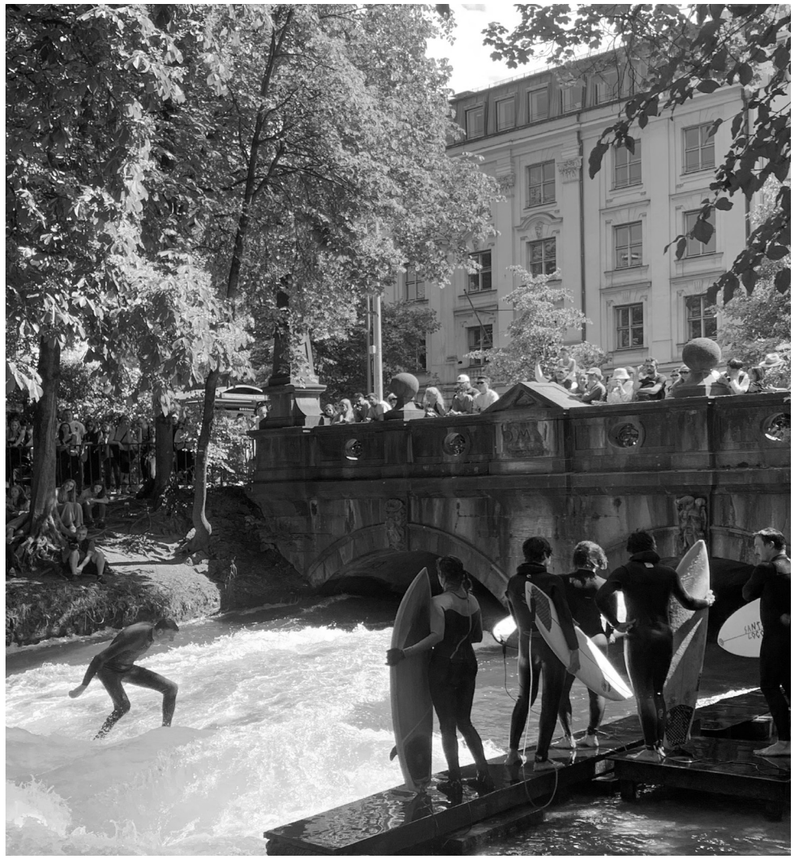


Figura 0.1
Eisbach
Munique, Alemanha
2024
Foto do autor

Índice

Introdução
Motivos e Derivas 14

1° Capítulo
Os rios e a cidade 17

Porto 18
Munique 22
Veneza 26

2° Capítulo
A geografia e o quotidiano 35

Porto 36
Rio de Janeiro 46

3° Capítulo
A memória, o lugar e as pessoas 59

Memória 60
Lugar 64
Pessoas 68

4° Capítulo
Os Autores e os Atores do território
Uma aproximação ao Rio Torto 69

Autor x Ator 70
Lugar de São Pedro 74
Um possível programa 77
Naturalizar x Artificializar : que caminho seguir? 82
Rio Torto - Uma Análise prospectiva 92
Considerações Finais 109

Referencias bibliográficas 114

Figura 0.2
Parque Flaucher
Baviera, Alemanha
2024
Foto do autor

Introdução

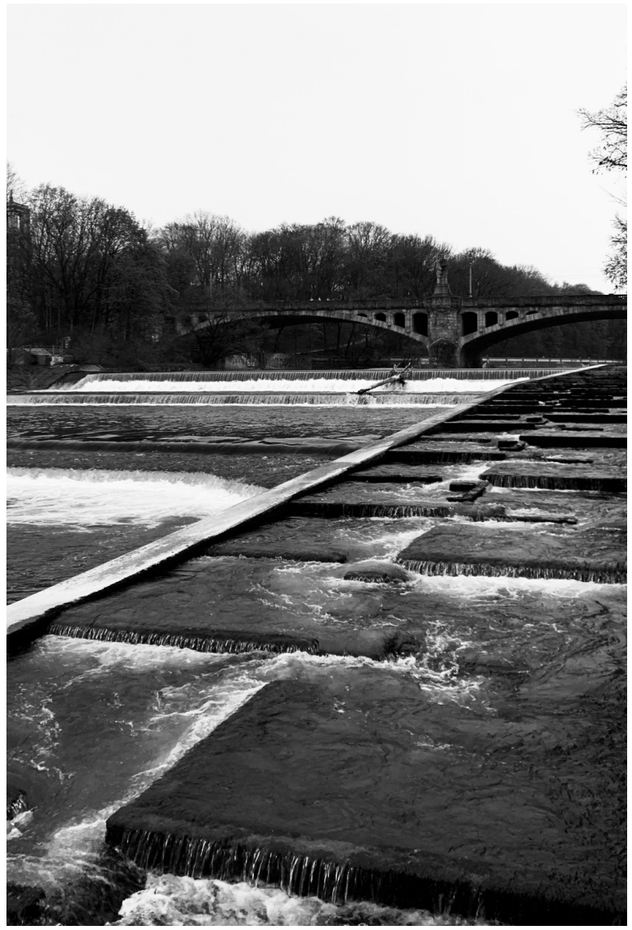


Figura 0.3
Rio Isar
Munique, Alemanha
2023
Foto do autor

A nossa maldição de só ver graça naquilo que é construído

"Imagine-se com um grupo de amigos em uma jornada por uma estrada desconhecida. Após algumas horas de viagem, você chega a uma aldeia ou até mesmo a uma cidade. Nesse momento, uma série de perguntas surgem dentro de você: chegamos ao destino pretendido? Para onde exatamente estamos indo? Devemos procurar um bar ou um café?

A relação entre o interno e o externo, o específico e o geral, é crucial. Não basta dizer "Estou em Paris" e simplesmente colocar uma cadeira no meio da rua para sentar-se e lá ficar. A pergunta fundamental sempre permanece: para onde estamos indo? Este cenário exemplifica a imensa intriga espacial que o conceito de cidade possui.

Para esclarecer ainda mais, vamos considerar um exemplo de uma das canções do poeta Tom Jobim. Ele expressa lindamente: "da janela, vê-se o mar, o Redentor, que lindo, o Corcovado." Este discurso destaca a importância do Lugar como uma entidade construída. A beleza reside no simples fato de poder contemplar tais paisagens da janela. Se estivesse apenas situada na praia, a experiência não seria tão cativante. No entanto, quando alguém pode dizer "Desta janela, vejo o mar", a experiência se transforma em algo extraordinário. A presença do mar realça a vista e contribui imensamente, mas quando se torna parte da sua realidade doméstica, visível através da sua janela, torna-se ainda mais poderosa. Sem mencionar a probabilidade de alguém estar cozinhando na cozinha atrás de mim, de ter uma criança correndo pela casa ou outras janelas com suas próprias histórias. Para nós, o ambiente construído contém a essência do prazer, e é sempre fascinante observar a troca dinâmica entre esses elementos quando reconhecemos que "daqui para lá é uma coisa, e de lá para cá é outra".

O pequeno trecho extraído de uma conversa com o arquiteto Paulo Mendes da Rocha em seu escritório, na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil em 2010, retrata de maneira provocativa e divertida as intrigas espaciais que são pertinentes no reconhecimento da cidade como espaço. Antes de tudo, esse discurso nos faz pensar em espaço como algo que está profundamente dependente daquilo que podemos chamar de lugar. Para este exercício nos interessa saber que estes espaços são construídos a partir de uma dinâmica de coexistência entre agentes artificialmente construídos pelo homem e a própria natureza em forma de água, terra, vegetação e relevos.

Motivos e Derivas

Usando como base minhas experiencias pessoais de vida relacionadas à cidade nos lugares que pude morar nos últimos 5 anos - Em grande parte pelas próprias oportunidades diretamente ligadas à FAUP - é proposta uma reflexão a cerca das dinâmicas entre cidade e natureza, entre o natural e artificial, entre o "civilizado e o selvagem". O grande pretexto por trás de compartilhar estas vivências é usar o espaço destes primeiros capítulos para introduzir ideias e memórias que podem vir a ser útil para a última parte deste trabalho, sendo este um olhar prospectivo para a zona de São Pedro, no vale de Campanhã, onde o grande foco é propor uma nova vida ao Rio Torto. Naquele sítio, vemos que este pequeno rio que deságua no Douro junto ao Palácio do Freixo, foi por gerações um grande agente de mudança e de sustento da população daquela zona, carregando consigo muito significado e importância para a comunidade remanescente do Porto oriental.

Muitas das experiencias a serem descritas no decorrer desta dissertação estão diretamente associados a uma espécie de modalidade de percepção do mundo ano nosso redor. Nos primeiros anos do MIArq a professora Madalena Pinto da Silva me ensinou a ter um olhar mais atento sob as coisas. Ela costumava usar a expressão "Com olhos de ver". É Preciso não só ver, mas compreender. Perceber.

Anos depois, o professor Mário Mesquita – com quem tenho o gosto de compartilhar este trabalho – me reintroduziu a este conceito só que de maneira mais aprofundada e em uma escala um pouco maior. No quinto ano do MIArq quando a problemática deixa de ser um objeto arquitetônico singular e passa a procurar por respostas para questões maiores em termos de escala, buscando levantar questões pertinentes a cidade e a geografia como projeto, me é introduzida a ideia de Deriva.[1]

Neste mesmo ano me é apresentado a problemáticas do Vale de Campanhã, onde posteriormente viria a desenvolver meus estudos daquele ano e posteriormente viria a se relacionar diretamente com o tema desta dissertação.

As problemáticas que levanto juntamente com o relato de algumas experiências vividas estão diretamente associadas a esta ideia de deriva. Este exercício apresentou-se como uma espécie de caminhada pela cidade – no meu caso, não propriamente com o intuito de Deriva, mas por vivência cotidiana, no qual se pode observar e relatar as dinâmicas cotidianas destes espaços. Nesta caminhada normalmente instaura-se um comportamento observador dedutivo, lúdico e que relaciona os objetos construídos com os naturais e sempre pondo em questão a forma da cidade no contexto urbano.

Nosso primeiro capítulo aborda as relações de troca entre Porto, Munique, Veneza e seus agentes naturais de maior influência.

1 Guy Debord em *Teoria da Deriva.* Dezembro de 1958

1° Capítulo

Os rios e a cidade

Figura 1.1
Campanhã
Porto, Portugal
2022
Foto do autor

Seria interessante iniciarmos este raciocínio compreendendo que a relação ancestral entre os humanos e o território moldou nossos modos de habitar e interagir com a geografia e elementos preexistentes as nossas ocupações nos territórios. Desde os primórdios da domesticação do solo, nossa sobrevivência tem sido uma jornada não de troca, mas talvez de domesticação das forcas naturais que preexistem as nossas ocupações. Talvez a grande questão seja uma reafirmação do ato de nos reconhecermos como os seres extraordinariamente inventivos que somos. Todavia é incontornável a ideia de que jamais construímos ou intervimos sem razão alguma. Fazer por fazer não e algo que se sustente, especialmente quando falamos de geografia e de cidade. Apesar de nossas infinitas qualidades lúdicas, nós como espécie, fazemos as coisas por uma razão e, sendo assim podemos afirmar que para qualquer ação é necessário um interlocutor. Eu e você, o rio e a cidade, a ponte e o metrô etc.[2]

Dentre as muitas razões associadas à domesticação ou a esta aproximação com os rios, os cuidados com a nossa segurança e com a garantia de recursos, sempre nos levaram a este caminho da domesticação da natureza. Especialmente, destes recursos associados aos caminhos da água, colocando a natureza a nosso favor como um dispositivo de auxílio e amparo às nossas necessidades.[3] Antes de vermos o rio – o que se relaciona com a cidade – como comumente vemos hoje, de maneira apreciativa, contemplativa, prazerosa e recreativa, não podemos esquecer que a principal razão ou grande justificativa para sua existência nunca foi essa. Tratava-se de uma profunda necessidade de domínio dos recursos da natureza para garantir e reafirmar a posição humana naquele espaço. A ideia romântica do rio que corta a cidade como grande parque urbano vivo, que se move e nos refresca, só veio a surgir muito posteriormente, especialmente depois de termos sanado outras questões principais relativas às formas de habitar na cidade e como gerir seus recursos.

As cidades portuguesas são um bom exemplo dessas dinâmicas de troca. É como se em algum momento houvesse se instaurado uma receita portuguesa para se construir algumas cidades. Imaginem cidades como Porto, Coimbra, Lisboa ou até mesmo cidades brasileiras de origem portuguesa, como Salvador da Bahia ou o Rio de Janeiro. Essas cidades surgem em um momento muito específico de transição entre três agentes: o mar, o rio e a topografia.

2 Vilém Flusser em *Natural:mente* : Porque diante de toda obra humana surge a pergunta do motivo e da finalidade da obra - Pg.12.
3 Maria S. Giudici em *The Street as a Project: The Space of the City and the Construction of the Modern Subject.*

Figura 1.2
Ribeira
Porto, Portugal
2022
Foto do autor

A relação entre estes três agentes cria a atmosfera perfeita para o desenvolvimento de suas cidades. Estes, proporcionam segurança e um vasto olhar sob território, comércio, alimentos, logística e transporte. Apenas posteriormente e depois dessas questões serem resolvidas de maneiras diferentes, só aí foi capaz de termos o que temos hoje em termos de ideia romântica de relação Rio e Cidade, Natureza e Homem.

Ao falarmos da cidade do Porto, quase que automaticamente somos obrigados a falar do Rio Douro. Esta cidade abre os exemplos deste trabalho não só por uma questão de afinidade, mas também pela sua longa relação entre *Cidade -Rio- Mar.*
A cidade e a presença da água possuem uma indissolúvel história entre os seus moradores. O marinheiro que passava semanas em alto-mar com saudades de casa, os que por gerações viveram e vivem da pesca, e os que usufruem dos afluentes do Douro espalhados pela grande Porto, seja para o cultivo das pequenas lavouras urbanas ou para uso recreativo e social do espaço com água, como no parque orientado do Porto. Outros exemplos se seguem, como os jovens da Ribeira, que por gerações pulam do tabuleiro inferior da ponte Dom Luís para refrescarem-se nos dias quentes e movimentados, a apropriação dos *Piers* espalhados pelas margens do rio nos meses de verão ou, o uso dos restaurantes da Afurada que nos permite comer o peixe sentir a brisa do mar e olhar para o Porto.

Outro fator interessante que este exercício de observação da cidade nos proporciona é que, na medida com que nos aproximamos da cidade como centro consolidado, mais forte, social e político, é intensificado a relação das pessoas com a água. No contexto do Porto, é como se o grande Douro fosse um polo que atrai toda a vida da cidade.

Acerca deste uso mais histórico ou político deste recurso, podemos mencionar as mulheres que por gerações lavavam as roupas da família nos lavadouros públicos espalhados pela cidade, usufruindo do recurso da água que se espalhava pela cidade como veias e, através da topografia chegavam até o Douro. Lá, encontravam a oportunidade de socializar, se organizar e fazer política. O tema das relações de troca entre esta cidade e aquilo que posteriormente vamos entender como os Autores do seu território, será revisitado diversas vezes no decorrer deste trabalho.

A seguir ao Porto, o segundo exemplo para este capítulo trata-se de uma operação arquitetônica urbanística, feita para reforçar a relação Cidade x Homem e fortalecer o discurso da possibilidade de um coabitar em harmonia. Aquilo que é natural ou artificial e a construção de uma memória coletiva - que talvez nunca efetivamente existiu - é o que me fez pensar em escrever sobre aquele espaço.

Mas hoje o rio é também um espaço público de fácil acesso que oferece um alívio essencial para o calor. "Não tenho uma varanda, não tenho um jardim, mas tenho o Isar", diz um amigo que vive num apartamento e que nada regularmente no rio.

- Paul Hockenos, New York Times, 2023

Figura 1.3
Rio Isar
Munique, Alemanha
Sandra Singh (NY Times)
2023

Munique localiza-se no encosto dos Alpes, na região da Baviera, sul da Alemanha, revela-se como um exemplo contemporâneo dessa relação entre cidade e rio. O Rio Isar surge como uma presença incontornável e talvez como o objeto mais significativo para os habitantes da cidade. Minha experiencia naquela cidade revelou que o rio é um tema diário e sem dúvida alguma carrega uma série de significados. Desde o facto de o visitar com frequência indica um certo apego pela natureza e vontade de estar ao ar livre, o que é muito importante para a manutença das relações sociais daque povo, até o facto de quanto mais perto do rio nas regiões centrais, mais financeiramente abastado o morador provavelmente possa ser. Existe de facto este fenômeno da capitalização financeira dos recursos naturais pertencentes a humanidade e, em Munique acontece através da relação com Rio Isar que, dependendo da zona em que esteja torna-se um símbolo de status social.

Este rio apesar de possuir uma aparência selvagem e natural, passou por um processo de reconstrução e alteração a partir das mãos humanas e, portanto, um processo de artificialização. O tema do que consideramos natural ou artificial ou naturalização versus artificialização é de profundo interesse para este trabalho, pois este é um relato das interações humanas e o meio em que vivemos, e é sempre interessante perceber que tudo o que implica a presença humana, normalmente tende a ter o seu espaço manipulado por nossa espécie. Neste sentido, as operações que visam trazer de volta ou reabilitar agentes naturais são de interesse não só pelo ponto de vista da construção, mas também pelo pensamento filosófico atrelado a este ato, como quem muito pensa "de que forma faremos?"

Estas abordagens normalmente resultam em produtos que muitas vezes passam despercebidos aos olhos dos visitantes, sendo talvez o Isar o melhor exemplo deste tipo de projeto. Quem o visita, até mesmo através dos olhares atentos dos arquitetos, não imagina que aquele rio é um projeto executado pelas mãos do homem de tal maneira que consegue transmitir a ideia de uma perfeita harmonia de coexistência entre agentes naturais e artificiais, entre o homem e natureza. Instaurando esta ideia provocativa do "Me engana que eu gosto", afinal o homem alterou e interveio em tudo naquele espaço, desde o aquecimento global que altera os fluxos anuais de água, até o projeto de intervenção que resolve a relação do rio afetado e a cidade.

Forma necessário onze anos, dezenove novas estações de tratamento e purificação das águas (algumas delas contendo unidades de desinfeção com luz ultravioleta), enlanguescer as margens em diversos pontos da cidade, reestruturar parte do leite rochoso, replantar e reimplantar a fauna e a flora local, totalizando um investimento de cerca de 34 milhões de euros em valores da época.

Figuras 1.4 e 1.5
Rio Isar
Munique, Alemanha
2024
Foto do autor

Os residentes urbanos de todo o mundo merecem a mesma oportunidade. Se as cidades de todo o mundo investirem na limpeza dos seus cursos de água, criarão linhas de vida cruciais para tornar os meses mais quentes mais suportáveis em ambientes afectados de forma desproporcionada pelo aquecimento global. As superfícies pavimentadas absorvem o calor e os edifícios e as ruas estreitas retêm-no, colocando as populações urbanas em maior risco do que as rurais. Rios saudáveis são exactamente o tipo de "infraestrutura verde" de que as cidades precisam - ecossistemas que melhoram significativamente a qualidade de vida urbana[4]

Falar do rio e da cidade obrigatoriamente nos obriga a falar de nós, do homem contemporâneo ocidental. Nós hoje - sendo exageradamente pessimista - vivemos imersos no sufoco das metrópoles, empilhado como caixas de sapatos, envolto na poluição sonora, atmosférica, política e social, estando desde o início do século XVIII construindo de maneira mais frenética o nosso próprio mundo. É como se vivêssemos diariamente a proclama esta atitude:

Dominamos a natureza e agora criamos nosso próprio universo. Fazemos sugeri uma nova tradição humana e novas formas de habitar.[5]

Ao falarmos da "superioridade" da invenção humana em comparação a natureza, automaticamente me surgem dois pensamentos. Primeiro, a presença da natureza nas invenções humanas, como a idéia do rio que atravessa a cidade, torna aquilo que construimos mais "humanizado". É inegavelmente mais prazeroso viver junto aos rios, lagos e montanhas do que viver distante destes recursos. A natureza e principalmente os rios, para além de uma grande solução para os problemas das cidades antigas, surge como um conforto e um amparo a vida humana.

O segundo pensamento que surge é a nossa inegável vontade de construir. O ato de construir está intrínseco a nossa existência. É como se carregássemos em nós uma espécie de otimismo que é exteriorizado através do ato tornar as coisas palpáveis, físicas, construídas. Todavia, apesar da nossa inesgotável obsessão em construir e inventar, cada dia percebemos mais que o nosso grande afago é a natureza.

O próximo exemplo a ser relatado neste trabalho leva ao limite a criatividade humana, a técnica e a vontade de ser fazer cidade como uma ferramenta para resolver grandes demandas. Dado o seu grau de complexidade, se este lugar não existisse, nem em sonhos seriamos capazes de o imaginar.

4 Paul Hockenos em seu artigo de opinião para o New York Times, 2023
5 Marshall Berman - Tudo o que é sólido desmancha no ar

Figura 1.6
Rialto
Veneza, Itália
2023
Foto do autor

Figura 1.7
Rialto
Veneza, Itália
2023
Foto do autor

No dia que fiz esta fotografia, estava dentro do Vaporetto em um dia ordinário, indo ao trabalho, quando em um momento de atenção, me vi embebedado pela estética da cidade. Tentava absorver com os olhos o máximo de detalhes que podia e, naquele momento percebi que nunca havia vivido em um território com tamanha complexidade. Naquela ocasião percebi que Veneza era o oposto de belo. Na verdade, era uma confusão colossal, um conflito de linguagens, de histórias e dissonâncias.

Veneza demonstra um pouco do pensamento de Maquiavel quando ela própria nos ensina que o conflito é algo relativamente produtivo, que é bom e que este conceito de conflito não teria propriamente uma conotação negativa. É sempre curioso ver a admiração das pessoas com a suposta beleza de Veneza, sendo que o que cria a verdadeira beleza daque espaço é sua dissonâncias destes conflitos.

"O polemos Veneziano é belo e, onde não existe Polemos, não tem beleza e muito menos grande vida política e civil. Veneza Ensina."

Massimo Cacciari, professor e filósofo

"Veneza é um exemplo de ordinário da a vontade humana na época. O que significava já a riqueza do mundo descoberta com as navegações. As mercadorias que vinham do continente africano através do Mediterrâneo para se pôr na Europa como mercadorias.

Se chegasse aonde está mais perto, sul da Itália, para em lombo de burro, tentarem os mercados do coração da Europa, seria muito melhor que esses navios pudessem entrar lá dentro, e nada mais lógico, mais claro do que penetrar pelo Adriático até o coração da Europa, que é justamente Veneza.

A graça dessa história é que nesse lugar estaria o mais inconveniente dos territórios para se fazer uma cidade. Era pura lama. Pura várzea. E para isso, se organizaram os canais, a drenagem daquilo, e foi construída uma cidade dentro da água, digamos.

Então que cidade faremos? Que seja maravilhosa! Essa ideia do desejo como uma visão erótica da vida. Se vamos fazer, temos que fazer maravilhosamente bem-feita."

Paulo Mendes da Rocha, Acervo Casa da Arquitetura

Figura 1.8
Canal Grande
Veneza, Itália
2023
Foto do autor

Que cidade faremos?

> *O Mundo em que vivemos parece, sob o aspecto material, cada dia mais estreito. Chega a nos abafar. Sofremos profundamente sua influência; reagimos-lhe de acordo com nossos instintos em vez de reagirmos de acordo com nossas aspirações. Em sumo, este mundo comanda nossos modos de ser e, por isso, nos esmaga. Se ele não for rearrumado - ou melhor, estilhaçado – não haverá possibilidade de organizar num nível superior, o modo de vida.*[6]

Ao pensar em território tão específico, construído pelas mãos do homem, é inevitável o constante questionamento que ecoa em nossas cabeças; que cidade faremos?

Na abertura desta segunda parte, Paulo Mendes da Rocha nos deixa uma pequena , porém valiosa reflexão sobre Veneza. Não é exclusivo a ela, mas foi usada para este fim. Sabemos que Veneza não foi feita para responder aos tempos atuais e sabemos que não precisamos de nada daquilo como resposta aos problemas da contemporaniedade. É como o próprio Paulo explica, a grande graça de Veneza é senti-la como uma resposta a uma necessidade daquela época para aquele espaço. É ver essa ideia romântica da vontade humana, apesar de obviamente em beneficio priprio, de fazer algo específico para quele espaço.

Em paralelo a isto, o trecho extraído do livro *A apologia da Deriva* põe em questão os efeitos do território específicos na vida cotidiana dos moradores desses lugares. Este trecho reclama os problemas pós-revolução indústrias. Remonta a desorganização espacial, a pobreza, a falta de saneamento e questões de mobilidade urbana. Apesar de alguns destes problemas atingirem Veneza, por conta de uma resposta a contemporaneidade, façamos a reflexão a cerca dos efeitos que este território específico causa em seus moradores.

Através de uma bolsa de mérito profissional, doada pela fundação *Solomon R. Guggenheim,* pude trabalhar e viver em Veneza por quatro meses no ano de 2023. Neste período pude experienciar alguns dos efeitos a curto prazo que a cidade causa nos seus moradores.

6 *Apologia da Deriva*. Escritos situacionistas sobre a cidade. Descrição piscográfica do Les Halles de Paris, pg 79

No decorrer da segunda semana, a água deixa de ser apenas um objeto de admiração e prazer, tornando-se um pequeno desafio diário. As questões de locomoção e as logísticas do transporte público também são colocadas à prova. Porém, dentre todos os desafios envolvendo este território específico, neste início, destaco dois: a saudade da água, apesar de estar cercado por ela — o que será melhor explicado adiante. O segundo é a dificuldade em construir relações, agravada pelas barreiras de locomoção — o simples ato de atravessar — e pela rapidez com que as pessoas se vão pouco tempo depois de chegarem.

A ideia de uma cidade que flutua diante dos seus olhos tem em si um apelo muito sedutor. Imagine alguém chegar até você e descrever uma cidade sem ruas, apenas passeios, pontes canais e praças. Não há carros, motas ou bicicletas, se não for de barco, será a pé. Pessoas caminhando por cima, barcos por baixo com aves e peixes ao seu lado. Para mim, se Veneza não existisse fisicamente, sua descrição seria como um sonho ou uma daquelas utopias corbusianas.

Também vale ressalvar que em Veneza somos facilmente forçados a aderir ao momento de Deriva. Somos obrigados a nos dobrar perante as solicitações do terreno e suas especificidades, nomeadamente a água nos põe a deriva, ditando os caminhos e nos orientando.[7]

Dentre as muitas possibilidades que a cidade, como um organismo construído e mutável, pode oferecer, pensar a cidade como um objeto puramente estético é certamente uma das linhas de pensamento mais interessantes. Seu objetivo principal seria o de se fazer presente, de possuir uma identidade ou caráter bem definido, de transmitir o que ela realmente é. Viver em Veneza foi não apenas uma experiência positiva, mas também intrigante.

> *O objetivo tradicional da estética é fazer sentir, na privação e na ausência, alguns elementos passados da vida que escapariam da confusão das aparências através da arte, posto que é a aparência que sofre o reinado do tempo.* [8]

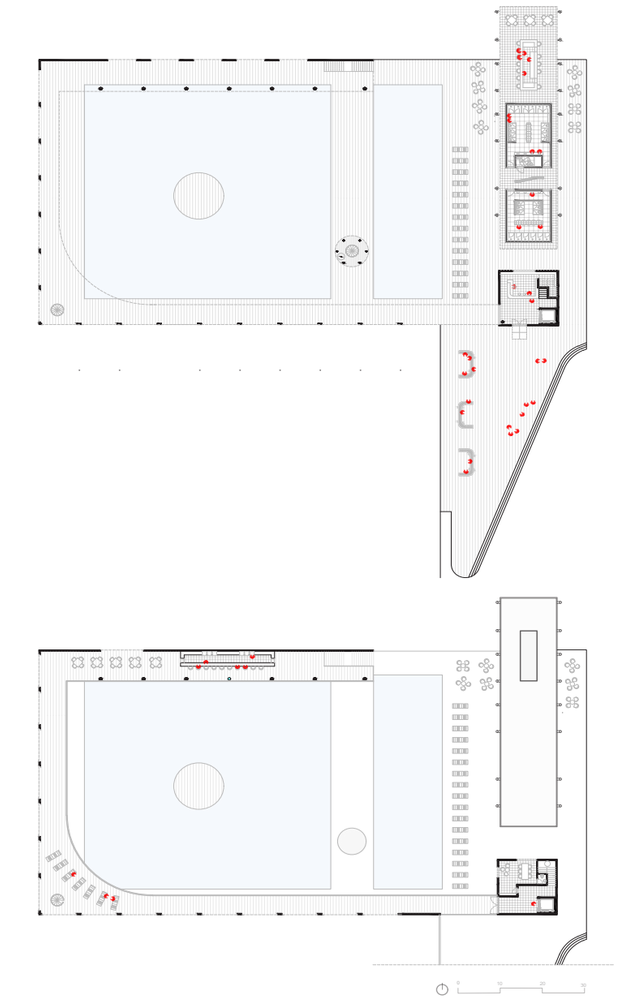
Acredito que só vivendo em Veneza é possível senti-la verdadeiramente como um fenômeno estético. A ideia de beleza que se forma após uma breve visita é impressionante, mas algo que parece facilmente conclusivo nem sempre é verdadeiro. O que geralmente acontece é que os visitantes veem a água, os palácios, os barcos, os canais e os turistas, e três dias depois vão embora.

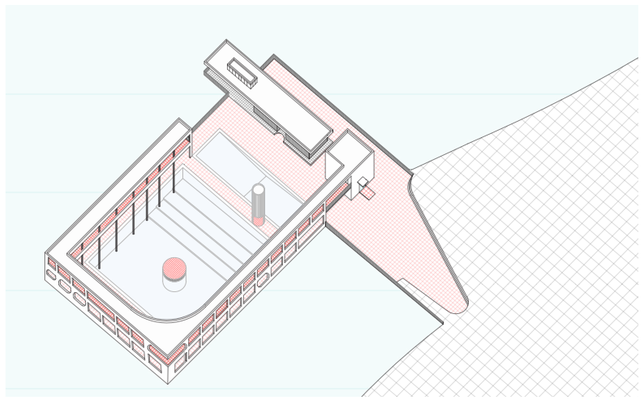
7 Guy Debord em *Teoria da Deriva*. Dezembro de 1958
8 Guy Debord em *Teses sobre a Revolução cultural*. edições da Internacional Situacionista 1-12 (Paris 1958-1972)

Apesar de essa experiência já ser muito rica por si só, ela está muito aquém de uma vivência cotidiana. Para exemplificar: vivi por meses no Giardini Biennale, a cerca de 50 metros do rio, na parte larga que se direciona à ilha de Lido. Vivi em uma rua típica e tradicional veneziana, paralela ao rio e ao amplo passeio que guia as pessoas da Praça de São Marcos até os Jardins da Bienal.

Na minha rua, não passavam mais de 20 pessoas por dia, enquanto, a menos de 50 metros dali, provavelmente mais de 20 mil pessoas transitavam diariamente. Observar esses fluxos e por onde toda essa gente passava era, com certeza uma das minhas atividades favoritas naquele lugar. Pensar que ali, em algum ponto, existia uma barreira imaginária, ou talvez uma linha muito tênue, algo que separava esses mundos e fluxos de pessoas, era profundamente intrigante. A razão está relacionada a um conceito tão simples quanto antigo sobre o que é uma cidade: a vontade humana de se deslocar do ponto A ao ponto B e como realizar esse percurso. Em Veneza, isso se traduzia em sair da Praça de São Marcos e caminhar até os Jardins da Bienal.

Figuras 1.9 e 1.10
Mapas da cidade
Veneza, Itália
2024





Figuras 1.11 e 1.12
Pool is Cool
Veneza, Itália
2023

Veneza torna-se parte importante deste trabalho pois nela é que vemos a relação Cidade versus Água ser levada ao seu limite. Durante todo o tempo que lá vivi muitas coisas me intrigaram, e muitas delas me incomodaram. Sempre me incomodava profundamente a relação que eu tinha com a água naquele lugar. O desejo de me molhar, de ver com as mãos, de pôr os pés na água, era uma frustração diária. Chegou ao ponto em que em um dia muito aborrecido, inspirado pelo teatro del mondo do Aldo Rossi, comecei a pensar em uma piscina para Veneza. Era para ser algo que se movesse, que fosse efêmero. O local escolhido foi o Arsenale di Venezia.

O fazia nos meus intervalos do trabalho no Museu Guggenheim – Peggy Guggenheim Collection, no próprio jardim do palácio, cercado pelas obras do Giacometti, Jean Arp, Alexander Calder e a ver os Picasso por entre as janelas. Foi um exercício que me trouxe algum afago, me pôs a refletir sobre essas dinâmicas de relação entre água e cidade. Naquela época, aquele exercício, naquele contexto, me fez perceber que infelizmente não se vive de estética e que eu realmente queria ter me relacionado com a água daquela cidade de uma outra forma.

Figura 1.13
Piscina pública de Campo Maior, João Luís Carrilho da Graça, Portalegre, Portugal
Piscina pública do Sesc 24 de Maio, Paulo Mendes da Rocha + MMBB, São Paulo, Brasil
Repubblica dell'Isola delle Rose, Rimini, Itália.
Piscina de Marés, Álvaro Siza Vieira, Matosinhos, Portugal

Penso em Veneza há muitos anos. Na primeira vez que ouvi falar desta cidade, não tinha mas que 10 anos. Foi através do livro de Cornélia Funke que posteriormente tornou-se o filme infantil chamado *O senhor dos Ladrões*, de 2006, do realizador Richard Claus. Hoje, sob a perspectiva de um homem adulto, vejo que este filme explora a temática da imaginação, ao apelar para um lado lúdico, levando Veneza até as crianças através de uma leitura de lugar, uma ideia de pertencimento onde nos é introduzido uma cidade cenário em que de alguma forma, a liberdade do imaginário infantil e a condição de desventura na qual aquelas crianças se encontravam, nos fazia sentir que tudo era casa.

De Veneza, a somar na última parte deste trabalho fico com a ideia romântica de ver a água, apesar de não poder tocá-la. Fica a vontade de continuar a me perguntar: que cidade faremos? E fica também a ideia de poder usar a água como material da construção. Indicando onde tocar e onde não tocar, como tocar, e onde atravessar se for o caso.

Figura 1.14
Capa do livro O Senhor dos ladrõe
2000
Cornelia Funke

2° Capítulo
A geografia e o quotidiano

2° Capítulo
A geografia e o quotidiano

Figuras 2.1 e 2.2
Miradouro da Vitória em agosto e dezembro
Porto, Portugal
2021
Foto do autor

"A solidão do homem foi o que o tirou das cavernas há séculos atras. A vontade de conversar, de interagir, foi aquilo que posteriormente veio a ser chamado de Socializar. A solidão do homem primitivo foi o estopim da sua revolução, e vem de lá o ato de fazer cidade."[1]

Este capítulo tem como objetivo expor algumas das experiências vividas em duas cidades, o que naturalmente nos leva a falar de geografia. Para este trabalho, precisamos sintetizar o termo 'geografia' como algo que explique a ação decisiva de determinadas forças naturais, como mudanças climáticas, composições de solo e seus relevos. Além disso, precisamos conectar essas questões diretamente à formação econômica da sociedade e tudo o que ela pôde ser ou ter. Pode parecer arbitrário definir um conceito de geografia que justifique os discursos subsequentes, especialmente quando falamos do meio urbano, mas a verdade é que as cidades e suas dinâmicas mudaram tanto no último século que não somos capazes de responder a conceitos como geografia, urbanidade ou cidade com uma única resposta. Os limites entre o urbano e o rural tornaram-se muito mais abstratos. A produção de bens, os fluxos diários de trabalho e moradia, as infraestruturas e as telecomunicações acabaram por moldar conceitos mais flexíveis para a geografia e a cidade.[2]

A gora que já temos uma noção de geografia definida, é importante direcionar nossa compreensão para o campo da psicogeografia. Esse conceito se refere a um olhar mais atento aos efeitos da cidade sobre aqueles que a habitam. A psicogeografia sugere que nosso comportamento social e nossa própria afetividade estão diretamente ligados ao meio em que vivemos.[3] No entanto, é sempre necessário lembrar que questões associadas ao comportamento humano e aos modos de habitar estão muitas vezes relacionadas a fatores externos, culturais e etnológicos. O território em si não é capaz de moldar, de maneira determinista, as questões sociais do ser humano contemporâneo.

Usando esse tema como base e a Deraiva como ferramenta de análise do território, podemos lançar um olhar mais atento sobre as cidades que serão discutidas a seguir.

1 Entrevista com Paulo Mendes da Rocha. Acervo Casa da Arquitetura
2 AlbertoMagnaghi em *Território, o bem comum. A bioregião urbana.* Pequeno tratado sobre o território, pg 23
3 Guy Debord em*Apologia da Deriva*. Escritos situacionistas sobre a cidade. Introdução a uma crítica da geografia urbana, pg. 39

Figura 2.3
Brasília em construção
Acervo o Globo
Brasília, Brasil
1958

Pensemos na seguinte afirmação:

A cidade, aquela que vem muito depois, utiliza-se do que antes estava lá — a natureza — de maneira a favorecer-se, transformando-a em seu próprio interlocutor. Esse objeto artificial surge como um elemento poderoso, que domina a natureza de tal forma que a torna seu mediador. Foi isso que pensei por muito tempo, especialmente quando vivi em cidades com características geográficas pouco marcantes, ou que condicionam de maneira menos evidente as formas de vida nesses espaços.

Pensemos em lugares áridos, com pouca vegetação, pouca água de acesso público e poucas montanhas. Sob esse panorama, é fácil chegar à conclusão de que a cidade, de fato, se sobressai e manipula a natureza como um elemento que a favorece. Apesar dos esforços incalculáveis, é menos complicado criar uma cidade nesse contexto. Ela pode até mesmo nascer de uma utopia, brotando do chão, como Brasília, a capital moderna do Brasil. Essa abordagem é facilitada porque, quando a natureza não nos parece bela o suficiente ou não nos chama a atenção por alguma razão especial, tendemos a negligenciar esses fatores e moldá-los à nossa maneira, iniciando um processo de artificialização. Seja o morro que precisa ser rompido, o rio tortuoso que é canalizado e soterrado, ou até o bosque que precisa ser derrubado.

Se não levarmos em consideração o relacionamento construído ao longo dos séculos entre os agentes naturais e as comunidades, como a relação entre um rio e o pequeno povoado que se transforma em cidade, facilmente poderíamos defender a soberania das engrenagens e artificialidades humanas sobre a natureza. No entanto, se formos um pouco além e analisarmos cidades com características mais específicas, percebemos que, independentemente dos esforços humanos para contornar os desafios naturais — como a própria geografia —, humanizar e sistematizar os modos de habitar torna-se extremamente difícil.

Quando percebemos a magnitude desses desafios, a primeira coisa que me vem à mente é o quanto o ser humano se esforça para justificar seu senso de pertencimento a um lugar. Claro que, ao construirmos, normalmente agimos com certo pragmatismo, buscando sempre nos estabelecer em locais que possam nos oferecer segurança, fácil acesso a alimentos ou recursos hídricos.

Figura 2.4
Deriva pelos caminhos do romântico
Porto, Portugal
2023
Foto do autor

Para esclarecer os desafios a que me refiro acima, utilizemos dois exemplos bem conhecidos: a cidade do Porto, no norte de Portugal, que tenho o prazer de chamar de casa, e a cidade do Rio de Janeiro, no sudeste do Brasil. Ambas lidam com grandes desafios impostos pela geografia.

Apesar de extremamente sedutoras e inspiradoras, as vistas da cidade do Porto e as montanhas sinuosas do Rio de Janeiro apresentam desafios únicos no que se refere às formas de habitar e à construção das cidades. Para este capítulo, meu interesse principal é expor um panorama ilustrado das dicotomias e contrastes visuais, das barreiras sociais e geográficas que esses contextos trazem e, ao final, reafirmar minha opinião de que, apesar de nossa extrema astúcia, a natureza e seus agentes prevalecem sobre a nossa vontade.

É importante considerar que, embora existam outros fatores sociais, culturais e políticos, a natureza molda não apenas a infraestrutura das cidades, mas também a cultura e o estilo de vida de seus habitantes. No caso dos bairros, é essencial salientar que os modos de vida nas diferentes partes que compõem essas cidades estão ligados não só à geografia e às condições que circundam cada bairro, mas também ao conjunto de trocas e interações com outras regiões da cidade. Questões de locomoção, logística, trabalho e transporte são fatores decisivos para o bem-estar de uma comunidade. Nesse sentido, você acaba se tornando parte daquilo com que se relaciona.[4]

No Porto, por exemplo, a proximidade do rio Douro e do oceano Atlântico influencia diretamente a gastronomia, o comércio, o turismo e o senso de pertencimento daqueles que, com muito orgulho, dizem viver à beira do rio há gerações. Estar à deriva no Porto revela características muito curiosas. Por exemplo, ao final das tardes de inverno, a cidade e a luz criam uma neblina romântica.

Durante as caminhadas, notamos que os materiais usados para compor a cidade antiga são quase sempre os mesmos. A pedra aparelhada é trabalhada de inúmeras formas diferentes, criando uma diversidade de lugares distintos dentro do mesmo espaço com o mesmo material.

O som da cidade, misturado ao das gaivotas, junto à topografia que nos conduz para baixo, sugere que estamos próximos ao rio Douro e ao seu comércio. A relação entre a cidade e a água existe no Porto desde suas origens e, até hoje, em algumas ruas, se fizermos silêncio, podemos ouvir a água correndo oculta pela cidade em direção ao Douro.

4 *Et agglomération Parisiene*, Biblioteca de sociologia contemporânea, 1952

Figura 2.5
Lordelo do Ouro
Porto, Portugal
2023
Foto do autor

Lá, os objetos que proporcionam amparo ao cotidiano, especialmente as pontes, são utilizados não apenas como um meio para atravessar, mas também como uma oportunidade de contemplar o rio. Alguns desses elementos estão espalhados ao longo do rio Douro, reafirmando sua existência como um agente catalizador da cidade. O rio, em algumas ocasiões, desempenha o papel de estrada, distribuindo e coletando pessoas em diversos pontos da cidade, e, consequentemente, facilitando a logística através de objetos que apoiam essa dinâmica. Pontes, passarelas e píeres, durante os meses quentes, têm seu uso completamente ressignificado. Lá, os jovens veem a oportunidade de tomar sol à beira do rio, arriscando-se em mergulhos que atraem aplausos e gorjetas dos turistas, além de encontrarem espaço para socializar em grupos.

A presença mais significativa do rio se traduz não apenas em um grande apoio ao comércio local ou em um refresco nos dias quentes, mas também como um verdadeiro símbolo que conforma a identidade e reafirma o senso de pertencimento das pessoas daquela cidade. O Douro carrega em si simbolismo e identidade. Graças à sua existência, outros símbolos também se instauram, refletindo a identidade do povo daquela região. As pontes que cruzam o rio em direção a Vila Nova de Gaia não apenas respondem a questões geográficas e cotidianas, mas também reafirmam a localização onde estamos.

As pontes, enquanto símbolos, são para Portugal o que a estátua do Cristo Redentor é para o Rio de Janeiro, as pirâmides para o Cairo ou as colunas de Niemeyer para Brasília. O Douro confere sentido à existência da cidade, sendo uma justificativa clara para a escolha daquele cruzamento entre rio e mar. A questão do ressignificado ou reuso desses objetos cotidianos reflete diretamente na compreensão do território. É preciso enxergar a cidade não apenas como um espaço de dinâmicas frágeis e constantemente ameaçadas, mas também como um território passivo a mudanças contínuas, especialmente através da interação entre seus objetos e os atores daquele lugar.

A ideia de mudança nem sempre possui uma conotação negativa, especialmente para as cidades europeias, que enfrentam a grande questão do patrimônio. Esses objetos de caráter misto devem ser imaginados como um bem comum, em constante desenvolvimento a partir da troca entre elementos atrativos e os atores do território. É como se fosse um ecossistema em constante expansão. [5]

5 *A Bioregião Urbana*. Pequeno tratado sobre a território e bem comum. O capitulo faz uma reflexão a cerca dos novos usos cívicos e novas formas de governar o território como um bem comum.

Figura 2.6
Rio Douro
Porto, Portugal

Figura 2.7
Dinner Night!
Lavadouro da Presa Velha
Campanhã, Porto, Portugal
2022
Fotos do autor

Por experiência própria, podemos distinguir os usos desses equipamentos em duas modalidades: primeiro, o uso cotidiano ou sazonal, verdadeiramente induzido por uma vontade natural e ligado à cultura popular; em segundo lugar, o uso performático, que se configura como uma forma de protesto. As imagens à esquerda ilustram bem esses dois exemplos.

Na primeira imagem, vemos alguém utilizando o píer para se refrescar no rio durante os dias quentes do verão de 2022. Já na segunda imagem, observamos um exercício performático e programado realizado naquele mesmo ano. Tratava-se de uma ocupação efêmera, com o pretexto de um jantar em uma noite de São João, cujo foco era discutir o passado, o presente e o futuro dos lavadouros públicos do Porto.

> *"O sentimento de pertença a lugares ou a sua história, mais sobretudo o conjunto dos princípios, das racionalidades, auto-organizadoras de uma sociedade local, que lhe permite auto representar, auto projetar o seu próprio futuro no território."* [6]

O trecho acima nos leva a refletir sobre o presente e talvez o futuro do Porto como um lugar com características especiais e específicas. Faz-me pensar que, nos últimos anos, tem-se ensaiado uma possível retirada da cidade e de seus atores cotidianos do direito de se autoconstruírem a partir de suas próprias tradições e costumes. É como se sua gestão e modelo de controle estivessem sendo cedidos aos interesses gerais do capital e das corporações.

Ainda no Porto, as grandes escarpas, o relevo acidentado e a constante necessidade de cruzar o rio Douro influenciam significativamente a rotina das pessoas. A logística do transporte público, a disposição das pouquíssimas ciclovias e até mesmo a distribuição de serviços essenciais são moldadas por essa geografia desafiadora. Apesar dos grandes esforços por parte dos diversos órgãos responsáveis pelo bem-estar público, ainda é muito difícil caminhar pelo centro do Porto. Ou melhor, tornou-se muito difícil, e há muito tentamos reverter esse processo sem sucesso.

Em mim, dói saber que falamos de uma cidade que derrubou suas próprias muralhas e instaurou, desde cedo, uma relação muito íntima com seu rio e sua topografia. Obviamente, o excesso de carros nas zonas centrais e o fetichismo do turismo excessivo, associado ao desejo de estar na cidade europeia, são os principais responsáveis por essa espécie de retirada de direitos dos agentes locais.

6 Milton Santos em *A natureta do espaço*

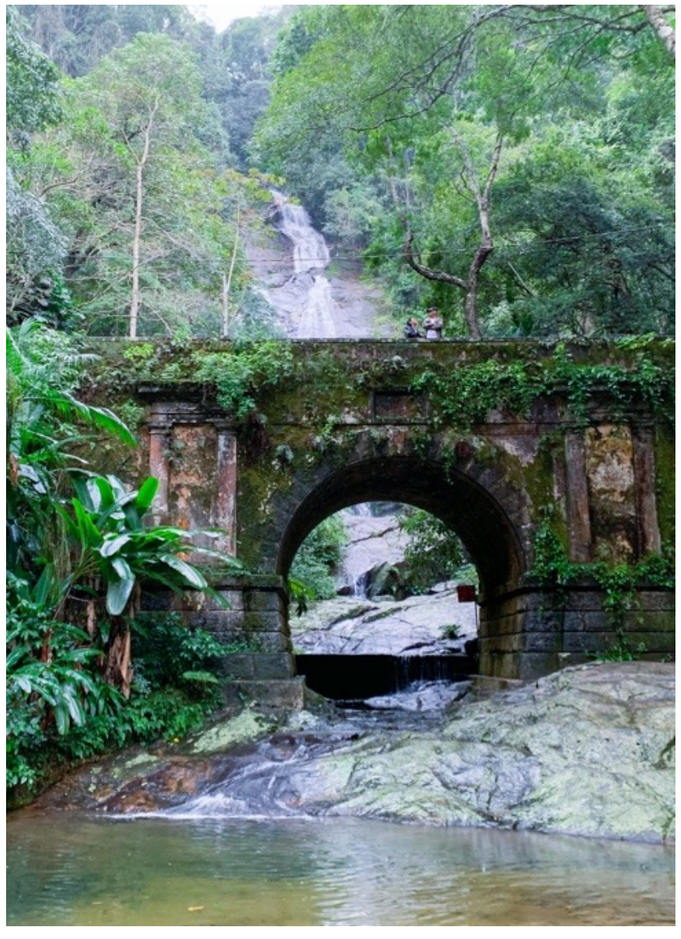


Figura 2.8
Floresta da tijuca
Rio de Janeiro, Brasil
2024
Foto do autor

No Rio de Janeiro, as montanhas e florestas urbanas, como o Parque Nacional da Tijuca, criam um cenário em que a natureza se entrelaça com a vida urbana, proporcionando um contraste marcante entre a cidade e seus recursos naturais. É impressionante observar como a cidade foi estabelecida entre os estreitos e acidentados vales, bem como nas faixas de terra à beira-mar. O Rio sempre foi uma fonte inesgotável de inspiração para arquitetos, poetas, pintores, escritores e escultores. Nesta obra, a cidade se apresenta como um elemento provocador e indutor de reflexões, revelando de maneira extremamente literal o poder das limitações geográficas sobre o desenvolvimento urbano.

O contraste entre cidade e floresta é igualmente profundo. Nas florestas e parques nacionais, os visitantes têm a oportunidade de se perder nas exuberantes paisagens da Mata Atlântica virgem, explorando construções humanas erguidas ao longo dos séculos de ocupação dessas áreas. É como uma viagem no tempo, onde se pode revisitar as ruínas do Brasil imperial em cenários que evocam as gravuras de Piranesi, com suas exploratórias representações das ruínas da Roma antiga.

Durante o mês de julho de 2024, tive a oportunidade de percorrer algumas das zonas de fronteira entre os limites da cidade do Rio e as florestas que a cercam. Foram muitas as surpresas, desde o encontro com comunidades que têm pouco acesso a recursos, mas desfrutam de vistas deslumbrantes, até casas nobres escondidas entre a floresta, espaços de camping e convivência, além de pequenos objetos que facilitam o cotidiano, como pontes antigas e outras infraestruturas de pedra.

A presença de morros e florestas majestosas dentro do tecido urbano cria áreas de difícil acesso, que frequentemente acabam marginalizadas e carecendo de infraestrutura adequada. Esses desafios geográficos não apenas complicam a construção de infraestruturas físicas, mas também intensificam as desigualdades sociais. No caso do Rio de Janeiro, as áreas mais altas e de difícil acesso frequentemente abrigam populações de menor renda, que enfrentam sérias dificuldades para acessar serviços públicos de qualidade, como saúde e educação. Essa segregação espacial não apenas reforça a exclusão social, mas também dificulta a mobilidade socioeconômica dos habitantes dessas regiões, agravando ainda mais as desigualdades urbanas. A luta pela dignidade e pela inclusão social nessas áreas remete a uma reflexão profunda sobre a cidade como um todo, desafiando-nos a repensar nossas práticas urbanas e sociais.

Figura 2.9 e 2.10
Sítio Roberto Burle Marx
Barra de Guaratiba
2024
Foto do autor

> "*A Constituição geográfica dos territórios, nas cidades, das regiões, é dominada pelos cruzamentos das redes, pelas instituições e pelos capitais supralocais. Nesse sentido, as ações setoriais que investem em um lugar não se reportam a um desígnio estratégico, unitário e intencional de transformação territorial do próprio lugar.*[7]

Este pensamento se elucida ao visitar uma cidade como o Rio de Janeiro. O direcionamento de recursos de maneira inadequada às necessidades do território resulta na criação de diversas realidades dentro do mesmo tecido urbano. Essa dinâmica enfraquece o conceito de território como bem comum, pois dificulta as redes de troca de bens. Quando somamos isso aos desafios impostos pela geografia da cidade, intensificamos uma política de desigualdades e trocas que são, no mínimo, desiguais.

Durante minha estadia, baseando-me no exercício da Deriva, propus-me a percorrer alguns trechos da cidade em busca de explorar a relação entre a urbanidade e a natureza, bem como outras dicotomias. Meus exercícios de caminhada começaram na zona central do Rio, próximo ao projeto que veio a ser conhecido como Porto Maravilha, onde se encontra o Museu do Amanhã. Antes de tudo, foi profundamente interessante observar um lugar com tamanha diversidade em estilos arquitetônicos.

O centro do Rio é predominantemente formado por exemplares da arquitetura tradicional portuguesa, mas também apresenta exemplos de art déco, arquitetura moderna e contemporânea. A arquitetura religiosa, por sua vez, é especialmente marcante, tanto pelos belíssimos exemplares do barroco português, que parecem, em sua riqueza de detalhes, estar a se desfazer diante dos nossos olhos, quanto por alguns inusitados exemplares de barroco do sul da Alemanha.

Nesse espaço, é ainda possível realizar uma leitura atenta dos registros do tempo no centro da cidade. Nota-se que muitas coisas mudaram e que muito do que ali existia já foi perdido. O centro do Rio, em algum momento, parece ter começado a negar o estilo português, a onda neocolonial e as edificações de pedra. Tudo isso faz parte não apenas da história do Rio, mas também das primeiras grandes transformações na trajetória de Lúcio Costa, onde se percebe que a cidade seguiu a nova moda imposta por ele e embarcou na onda da modernidade. [8]

---

7 Alberto Magnaghi em *A bioregião urbana*. Pequeno tratado sobre o território, bem co -mum. Pg 187

8 Lucio Costa em Registros de uma vivencia, 1995.

Figura 2.11
Rio de Janeiro, Brasil
2024
Google Earth

Dias depois, finalmente consegui encontrar alguns aparelhos de pedra, cantarias e restos de construções do antigo centro do Rio no Sítio Roberto Burle Marx. Segundo os historiadores que me guiaram por aquele paraíso – um entre muitos localizados nas zonas fronteiriças entre a cidade e a floresta – esses objetos foram parar lá porque, ao longo dos anos de reconstrução do centro do Rio, Lúcio Costa, amigo e vizinho de infância de Burle Marx, doou esses restos de materiais com potencial estético para o jovem artista utilizar na construção de seu sítio.

Meu exercício de deriva no centro do Rio acabou se transformando em uma pequena investigação que me levou até esses remanescentes do antigo centro da cidade, situados no meio da floresta em Barra de Guaratiba. Hoje, esse espaço está aberto à visitação para aqueles que são apaixonados por paisagismo, botânica e pela vida e obra de Roberto Burle Marx.

Dentre todos os exemplos que o Rio, como um experimento, me proporcionou, o primeiro, logo na chegada, foi o que mais me marcou. Infelizmente, minha entrada na cidade não se deu pelo Aeroporto Internacional Santos Dumont, localizado na zona oeste. Este aeroporto é uma obra de mestres do movimento moderno no Brasil – os Irmãos MMM Roberto – e está situado ao lado do Aterro do Flamengo, uma das obras-primas de Roberto Burle Marx, com construções de Afonso Eduardo Reidy, entre outros. Acabei chegando ao Rio pelo Aeroporto Internacional Tom Jobim, o Galeão. Lembro-me de ter visitado o Rio cinco anos atrás e, nos primeiros 5 ou 6 quilômetros após sairmos deste mesmo aeroporto, havia, de ambos os lados da estrada, placas de concreto minimamente perfuradas. Eram tão altas que nos impossibilitavam de ver a cidade que se desenrolava à nossa margem. Na época, a justificativa apresentada era que esses objetos serviam para reduzir o barulho da estrada, dada a proximidade dos bairros.

Recentemente, ao fazer esse mesmo trajeto, percebi que, na ausência dessas placas, talvez a razão para sua existência não fosse apenas aquela. Parte do motivo para a sua presença era esconder dos visitantes recém-chegados as comunidades e as chamadas favelas, especialmente o Complexo da Maré, que é um dos aglomerados urbanos mais problemáticos do continente americano. As questões de moradia digna, saneamento básico e segurança, infelizmente, ainda estão distantes do alcance do poder público naquela zona. Toda a concentração do que há de melhor para uma cidade é automaticamente mais direcionada à Zona Oeste, englobando desde grandes infraestruturas que apoiam o cotidiano até os melhores mercados, as logísticas de transporte público, entretenimento, qualidade dos espaços públicos, lazer, distribuição de renda e turismo.

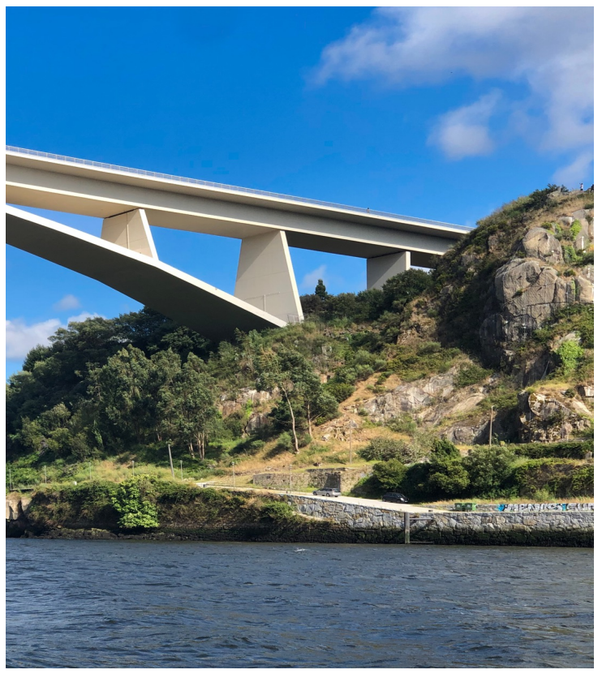
Figuras 2.12
Ipanema
Rio de Janeiro, Brasil
2024
Foto do autor

Toda essa desorganização e caos urbanístico têm uma fronteira bem demarcada, com um início e um fim, o que é relativamente comum entre as zonas norte e sul da cidade do Rio. No caso desta viagem específica, ao sair do aeroporto, a grande fronteira entre esses dois mundos se dá em virtude de um desafio geográfico: o túnel Rebouças. Esta infraestrutura colossal atravessa um dos maiores monólitos urbanos do mundo, ligando os bairros de Santa Teresa e Tijuca à Lagoa Rodrigo de Freitas, estabelecendo uma das principais conexões entre as zonas norte e sul.

Esse momento de transição entre as zonas, mediado por uma infraestrutura humana devido a desafios naturais, marca uma divisão avassaladora em termos de desigualdade social e organização comunitária. O simples ato de atravessar esse túnel se revelou um dos maiores contrastes de desigualdade econômica e social que já testemunhei. Essa reflexão sobre a fronteira permanece em minha mente, questionando se a geografia urbana possui um poder tão imenso, capaz de criar mundos tão distintos em tão pouco espaço.

Ainda sobre os desafios associados à cidade em seu território específico, não podemos deixar de mencionar os efeitos que esse tipo de organização espacial nos traz. Seja pela beleza do cotidiano, pelas paisagens exuberantes ou pelo charme despretensioso que esses lugares carregam, ou até mesmo pelo lado menos feliz dessa estrutura social: os momentos de desigualdade, a má distribuição das estruturas de apoio à vida cotidiana e a relativa gestão do bem comum. Além disso, esses desafios geográficos não apenas complicam a construção de infraestruturas urbanas, mas também impõem dificuldades à vida cotidiana dos habitantes.

Cidades como as mencionadas, seja o Rio ou o Porto – que, curiosamente, em suas próprias nomenclaturas, têm associação direta com os agentes naturais preexistentes, como a presença da água – possuem essa dicotomia verdadeiramente presente em seu cotidiano. É fato que é muito mais difícil superar os desafios de mobilidade em cidades repletas de montanhas, escarpas, grandes rios e baias. No Rio de Janeiro, devido aos gigantescos monólitos, rios, baias, enseadas e mar, são constantemente utilizados os artifícios das pontes, viadutos e, principalmente, os túneis. Esses objetos, além de cumprirem seu papel na mobilidade urbana, também atuam como agentes poderosos de divisão das realidades urbanas e sociais. Já no Porto, em razão das grandes escarpas e da presença constante do Rio Douro, as escultóricas pontes são utilizadas como artifícios de passagem e de divisão das realidades.



Figuras 2.13 e 2.14
Ponte das Fontainhas
Ponte da Arrábida
Porto, Portugal
2022
Foto do autor

O fato é que construir as diversas pontes existentes, imponentes e escultóricas, apenas para possibilitar a travessia do rio Douro até Gaia é muito mais complexo do que simplesmente asfaltar uma estrada comum. Da mesma forma, a construção dos extensos e quilométricos túneis que serpenteiam as montanhas rochosas do Rio de Janeiro é um desafio muito maior do que erguer uma nova via. A grande questão reside na magnitude dos desafios que a geografia impõe às cidades, além das barreiras sociais e dos entraves ao chamado progresso. Muitas vezes, dependemos dessas infraestruturas para integrar áreas e promover melhorias em determinadas regiões.

No entanto, é essencial reconhecer as soluções inovadoras que as cidades encontram para superar esses obstáculos. No Porto, a construção da Ponte Dom Luís I e do sistema de funicular exemplificam soluções engenhosas que conectam a cidade de maneira eficiente. Além disso, elevadores e escadas rolantes são implementados, demonstrando um esforço contínuo para mitigar os desafios impostos pela topografia acidentada da cidade.

No Rio de Janeiro, iniciativas como os corredores expressos, conhecidos como BRTs, e a revitalização de áreas urbanas, como a Zona Portuária, mostram como a cidade pode se reinventar e se adaptar às suas limitações geográficas. É importante também mencionar as ciclovias e, principalmente, a infraestrutura do metrô, que atravessa monólitos colossais, criando divisões significativas entre diferentes realidades urbanas.

Ao propor novas estruturas para a cidade, seja uma infraestrutura que nos leve do ponto A ao ponto B, ou até mesmo uma que contenha um programa mais complexo, é fundamental que o projeto esteja completamente alinhado ao contexto regional. É necessária uma aproximação à vida local e um cuidado para que tais intervenções não se tornem mecanismos de desorganização das dinâmicas preexistentes. Os casos mencionados, por serem infraestruturas que atendem a uma necessidade real, acabam por facilitar consideravelmente a vida cotidiana.

Por outro lado, existem equipamentos de outra natureza que compõem um segundo plano de importância no contexto urbano, como grandes centros culturais, espaços públicos e monumentos patrimoniais com programas de uso público. Esses espaços possuem uma relação de troca tão sensível quanto a das infraestruturas essenciais, mas são frequentemente mais questionados. Atualmente, nesses locais, abrem-se brechas para desfavores urbanos e novos agentes parasitas que transformam realidades, tirando das mãos dos habitantes locais suas dinâmicas cotidianas e transferindo-as para novos interesses.

Figuras 2.15 e 2.16
Mercado do Bolhão
Porto, Portugal
Museu do Amanhã
Rio de Janeiro, Brasil
2024
Foto do autor

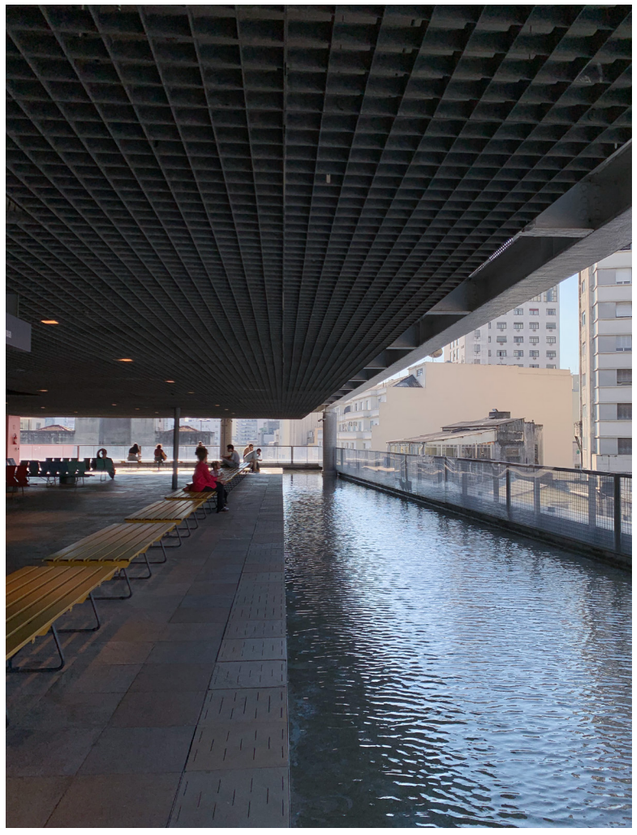
Cadê a cidade que estava aqui?

É importante ressaltar que algumas das mudanças mencionadas anteriormente, embora contrárias à preservação das condições socioculturais existentes, estão diretamente associadas a eventos que se justificam em nome do bem comum da cidade e de seus habitantes. Essas interferências e novos rumos que a cidade adota podem, inclusive, comprometer o papel social da paisagem urbana, estabelecendo novas identidades que pouco se relacionam com os contextos consolidados, propondo dinâmicas inovadoras para esses espaços. O aumento do fluxo de veículos nas áreas históricas, a elevação dos preços dos alimentos e dos bens comuns do bairro, além da perda da presença local, são algumas das novas realidades introduzidas por essas operações contemporâneas.

Esse tipo de projeto frequentemente surge como uma proposta de melhoria ou expansão, apresentando-se como uma justificativa para modernizar determinadas zonas e transformar significativamente esses espaços. No entanto, muitas vezes a verdadeira motivação por trás dessas mudanças é um investimento financeiro que alimenta o sistema do turismo e os interesses corporativos privados. Esses projetos costumam chegar às cidades sob grandes propósitos, geralmente ligados à realização de eventos como Jogos Olímpicos, feiras internacionais ou Copas do Mundo. No caso do Rio de Janeiro, essas intervenções foram impulsionadas pela Copa do Mundo e pelas Olimpíadas. Outros projetos surgem como uma oportunidade de preencher vazios urbanos, desconsiderando que, tanto na arquitetura quanto na vida, os espaços vazios podem ser tão significativos quanto os espaços construídos.

Outra justificativa frequentemente apresentada é a melhoria das condições e a dignificação do patrimônio, colocando-o novamente à disposição da população, o que poderia ser uma excelente abordagem, desde que feita com maior cuidado. O resultado dessas intervenções, apesar de algumas exceções – como o Museu Guggenheim de Bilbao, que revitalizou a cidade e conferiu um novo caráter a uma região de tradição fabril – reflete um movimento contemporâneo de fetichismo que, embora busque revitalizar espaços, o faz em benefício dos turistas e da gentrificação, transformando esses locais em objetos de uso temporário para visitantes, sem priorizar a realidade local, mas comprometendo as estruturas sociais já existentes.

Existem também casos intermediários, em que, apesar de um claro apelo ao capital, as operações realizadas são contextualizadas com a construção da cidade e respeitam seu entorno, permitindo que os moradores mantenham suas tradições e comércio, como ocorreu no Mercado do Bolhão.



Figuras 3.1
SESC 24 de Maio
Paulo Mendes da Rocha + MMBB
2024
Foto do autor

3° Capítulo

A memória, o lugar e as pessoas

Figuras 3.1
Casa no Butantã
Paulo Mendes da Rocha
1964
Foto de Nelson Kon

Se relembrarmos o trecho que abre o primeiro capítulo desta dissertação, em que Paulo Mendes da Rocha discute as relações de troca entre o espaço construído e a paisagem, somos facilmente transportados para os temas abordados neste capítulo. As dicotomias presentes nesse pequeno trecho, expostas pelo arquiteto, ilustram as relações de influência — sejam geográficas, sociais, políticas ou econômicas — que desempenham um papel crucial na maneira como os espaços se desenvolvem e são utilizados.

De forma análoga, a memória emerge como um elemento fundamental para compreendermos as dinâmicas de um lugar. Afinal, os espaços não são meros cenários passivos; eles são vividos, sentidos e lembrados. Os lugares também carregam memórias que, por sua vez, influenciam as decisões e os caminhos a serem seguidos. Portanto, neste capítulo, ao considerarmos e nos aproximarmos de nosso objeto de estudo — a zona de São Pedro — é imprescindível levar em conta que os lugares, assim como as pessoas, vivem da memória e se transformam através dela. Cada mudança, cada nova construção, cada alteração na paisagem é registrada no comportamento coletivo, que continua a dar vida e significado a esses espaços.

Dessa vez, para escapar um pouco do campo das ideias, utilizaremos uma obra construída para exemplificar essas relações de troca. Construída em meados de 1964, a Casa do Butantã torna-se um exemplo pertinente, pois se revela um excelente exercício contemporâneo, mesmo tendo sido projetada pelo arquiteto há quase 60 anos. Nela, além da engenharia empregada para fazer uma casa com uma aparência austera e monolítica que, curiosamente, parece flutuar aos olhos dos transeuntes, também se encontra um exercício social sobre a organização dos espaços e a produção de memória. Os desafios que a casa propõe vão desde o âmbito doméstico até o nível da cidade. A Casa do Butantã brinca com as dicotomias entre o dentro e o fora, o íntimo e o social, o público e o privado. Em uma entrevista, o arquiteto mencionou que teve prazer em conceber a casa, mas que não era algo que fosse, propriamente dito, para ele.

> *"No banheiro, o tubinho de água quente, vamos fazer como em Moscou, a serpentina que esquenta a toalha. Naquela casa eu fiz muito para as crianças. Eu falei; Eu sou um homem maduro, não vou fazer uma casa para mim, é preciso ter vergonha na cara, eu moro em qualquer lugar. Vou fazer para as crianças, para elas se divertirem um tanto com essa questão tão solene da arquitetura etc (...)*[1]

1 Entrevista com Paulo Mendes da Rocha para o Instituto dos Arquitetos do Brasil, Acervo Casa da Arquitetura.

Figuras 3.2 e 3.3
Banheiro da Casa Butantã
Paulo Mendes da Rocha
1964
Foto de Nelson Kon
FAU USP
João batista vilanova Artigas
1964
Acervo FAU USP

A FAU apesar da solenidade tem muito disso. A FAU foi feita para vocês. Para passear naquela rampa de lá para cá. E até com uma certa malícia para dizer que - faz de conta que eu sou Artigas - para que eu possa ter o prazer de ficar vendo vocês passarem daqui para lá, e de lá para cá. Se não, não tem graça, a coisa fica de uma solenidade estúpida. Então é um divertimento, na verdade, que surge como quem faz o elogio da maneira que foi resolvido o problema, Para não resolver puro e simplesmente."[2]

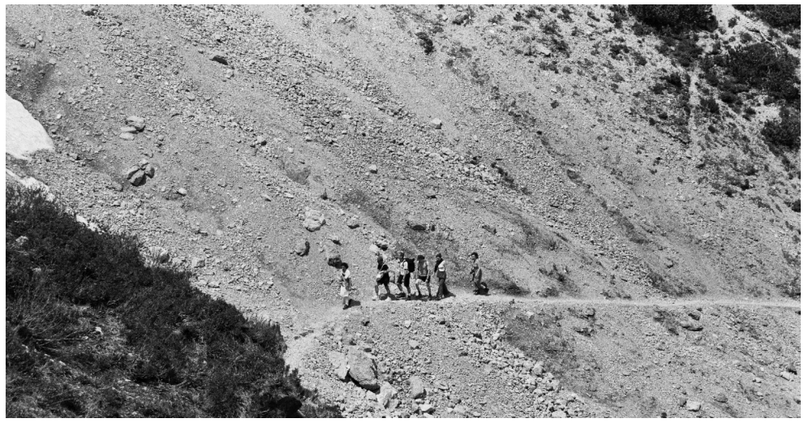
Ao ouvirmos as explicações do autor sobre suas obras, percebemos um grande humanismo em suas respostas. O que ele faz exalta uma resposta que resolve múltiplas frentes: é um elogio à técnica como método construtivo, à beleza do lugar, ao sentimento de pertencimento e à tradição. As obras desse autor transcendem o escopo tradicional da arquitetura, fazendo-nos refletir sobre uma possível expansão da tríade vitruviana — firmitas, utilitas e venustas.

Essa abordagem arquitetônica vai além do simples amparo ou provisão para as questões do cotidiano. Embora o programa e as obrigações funcionais desempenhem um papel central na produção desses espaços, eles também carregam significados e memórias mais profundas. É como se fossem palcos para uma peça teatral incessante, repleta de contatos, trocas e improvisos. E é precisamente dessas trocas que emerge a produção de memórias e o apego às tradições.

Contudo, nesse caso, a ideia de memória não se associa diretamente a uma cultura geral ou a algo cotidiano e acessível a um público amplo. Na Casa do Butantã, por exemplo, as paredes internas não vão completamente até o teto, o que levou a filha do arquiteto, Joana, em sua pré-adolescência, a viver por três meses no quarto de banho, pois era o único espaço em que sentia ter privacidade absoluta. O arquiteto narra essa experiência como um exercício performático sobre a ocupação dos espaços. Ele guardou essa memória com carinho, considerando-a uma de suas favoritas daquela casa. Aqui, o espaço proporcionou essa vivência, revelando uma interação íntima entre Joana e a casa — uma relação singular entre o lugar e a pessoa.

Diferente da memória coletiva, essas experiências são individuais e específicas, proporcionadas por interações únicas. Elas não têm a mesma força simbólica que, por exemplo, as memórias passadas por gerações de um povo sobre sua relação com um rio. Não carregam um significado coletivo capaz de transformar realidades ou de transmitir a ideia de uma tradição popular.

2 Entrevista com Paulo Mendes da Rocha para o Instituto dos Arquitetos do Brasil, Acervo Casa da Arquitetura.



Figuras 3.4, 3.5 e 3.6
Viagem pelos Alpes Austríacos
Lünersee, Áustria
2023
Fotos de Till Feldmann

"Como é difícil definir a memória colectiva, alguns sugerem que se abandone o seu significado universalizante, substituindo-o por mito, tradição ou comemoração. Outros querem restringir a sua aplicação à divulgação pública do passado ou a narrativas que falam em nome de colectividades. Uma terceira possibilidade é limitar a sua referência a processos e práticas mnemônicas, tais como locais de memória e monumentos públicos.

Todos parecem concordar que a memória individual, aquela que as pessoas transportam na cabeça, é diferente da memória colectiva. O sociólogo francês Maurice Halbwachs, o pai fundador dos estudos contemporâneos sobre a memória, chamou à primeira "memória autobiográfica". No entanto, ele acreditava que o ato real de recordar ocorre sempre como memória de grupo. A este último processo de recordação em conjunto chamou "memória colectiva"; funciona como um quadro que limita e vincula os atos íntimos de recordação individual. Por isso, ele refletiu que a mente reconstrói as suas memórias sob a pressão da sociedade"[3]

Por vezes, não é necessário muito para estabelecer uma relação de troca entre um lugar e as pessoas que o habitam ou visitam. O trecho mencionado anteriormente nos esclarece que a memória talvez seja um dos mecanismos mais importantes para favorecer essas trocas. Seja uma memória individual, marcada por experiências singulares, ou coletiva, compartilhada por um grupo ou uma comunidade inteira, o poder da memória, quando associado ao senso de pertencimento, cria uma mistura complexa de sentimentos e abre precedentes para diferentes tipos de interação social.

As imagens à esquerda retratam um momento muito específico do ano de 2023, gravado na memória coletiva de um grupo de amigos. Foi um exercício de imersão de uma semana nos Alpes austríacos, em contato direto com a natureza. As montanhas e os lagos ficaram profundamente gravados em nossa memória afetiva. Apesar de sermos, como indivíduos, tão distintos, as experiências vividas durante essa semana eram surpreendentemente semelhantes. A razão para isso é que essas interações se baseavam em uma troca, muitas vezes unilateral, com o que o lugar nos oferecia. Como ele nos proporcionou experiências semelhantes, acabamos por partilhar de um sentimento comum.

3 C. Greig Crysler, Stephen Cairns and Hilde Heynen em *The SAGE Handbook of Architectural Theory*, pg. 327

Figuras 3.7
Bludenz, Áustria
2023
Fotos de Till Feldmann

Figuras 3.8
Haus Hauch
Martin Rauch, Roger Boltshauser
Bludenz, Áustria
2023
Fotos de Till Feldmann

> *Definimos paisagem como as manifestações sensíveis (perceptíveis através dos sentidos) do "território", por sua vez produzido por longos processos de territorialização que, através de dinâmicas de coevolução entre as civilizações humanas e o meio ambiente, constroem o meio ambiente do ser humano, ou um neoecossistema vivo.*[4]

Os elementos naturais, especialmente o mar, os rios e as montanhas, ocupam um papel insubstituível nesse contexto. A presença constante da natureza ao longo da vida humana, independentemente da nossa idade, preenche o nosso imaginário e alimenta nossas saudades. Essa relação entre memória e lugar está profundamente enraizada em nossa identidade. Cada lembrança associada a um local específico molda não apenas a nossa percepção desse espaço, mas também a maneira como nos relacionamos com ele ao longo do tempo.

É importante destacar os momentos de troca que ocorrem durante a produção dessas memórias. Todas as interações sociais geram algum tipo de resposta ou produto, e esse processo é um dos motores fundamentais que impulsionam nossa sociedade. Quando revisitamos um lugar carregado de significados, sejam eles coletivos ou pessoais, não estamos apenas revivendo memórias, mas também reforçando nossa conexão com nossa história e com a comunidade que compartilha essas lembranças. O senso de pertencimento a um lugar é, por isso, tão poderoso e influente na construção da nossa identidade e no fortalecimento das relações sociais. Além de evocar memórias e emoções, o contato contínuo com esses locais reforça nosso vínculo com o espaço, mantendo viva nossa história pessoal e coletiva. Na Casa Hauch, em Bludenz, observamos uma clara intenção de preservar o contexto preexistente e a boa relação com a montanha. Nesse sentido, podemos também falar de uma vontade de manter vivas as memórias coletivas e a essência do lugar. A arquitetura se contextualiza com a geografia local, utilizando o material mais abundante oferecido pelo próprio terreno.

Diferente da casa de Paulo Mendes da Rocha, que surge como um protesto quase antagônico ao solo, a Casa Hauch parece brotar da terra, como uma raiz, em perfeita harmonia com o contexto. Essa abordagem reforça a ideia de continuidade dos lugares através de seus contextos e da produção social da paisagem

4 *Pequeno tratado sobre a território e bem comum*. A Produção social da paisagem pg 182.

> *"Maurice Halbwachs argumenta que a memória não é intrínseca ou dada, mas sim produzida em espaços sociais compartilhados da vida cotidiana. Para Halbwachs, a memória era tanto socialmente fundamentada quanto coletiva: uma "questão de como as mentes trabalham juntas na sociedade, como suas operações não são simplesmente mediadas", mas são estruturadas por arranjos sociais".*[5]

Este trecho, extraído de uma publicação de 1925 de Maurice Halbwachs, está diretamente associado aos estudos de Freud sobre o inconsciente. Em ambos os casos, a memória é ressignificada como um processo de reconstrução, uma 'atividade de localização e configuração dentro de quadros ou sistemas de referência socialmente elaborados'.

Ao nos aproximarmos do objeto de estudo principal – o lugar de São Pedro e o Rio Torto – evocamos esse estado de memória junto aos moradores, obtendo relatos que mostram uma ligação profunda com o rio. É inegável a conexão dessa população com o lugar. Todos se lembram de um passado menos negligenciado, com maior interação entre os habitantes e o rio. Em São Pedro, dois elementos trazem à tona a ideia de memória coletiva, o senso de comunidade e o desejo de pertencer ao lugar: a capela de São Pedro, localizada numa área mais elevada do bairro, e o rio. Os relatos individuais se entrelaçam em uma memória coletiva, especialmente entre os mais velhos, que relembram o tempo em que o rio era uma parte vital da vida cotidiana, quando servia como equipamento público para refrescar os dias quentes, onde as crianças brincavam e as mulheres lavavam roupa.

Durante as conversas com os habitantes para compreender a memória daquele lugar, pude perceber, com um certo esforço, quase visualizar o que estavam descrevendo. Eles se lembram de tudo: das quinze pedras grandes usadas pelas mulheres para lavar roupas, das crianças que cresceram brincando no rio, dos peixes pescados diariamente – inclusive das lampreias que subiam o rio para se reproduzir – e das pequenas veias de água que, ao longo das margens, eram utilizadas para irrigar as hortas da população.

Essas trocas entre autor e interlocutor serão aprofundadas no próximo capítulo, que retrata precisamente a relação entre os atores e autores daquele território.

5 Maurice Halbwachs em A memória coletiva, 1925

Figuras 4.1
Vista aérea do vale de Campanhã
2024
Google Earth

Para melhor compreender o objeto final de estudo é necessário reconhecer os indivíduos que compõem este conjunto e suas funções naquele espaço. Partindo deste esforço, a zona que engloba nosso objeto de estudo nos convida a reconhecer os Autores e os atores daquele território. Referimos por *Autor de um território* todo aquele que expressa uma significante e incontornável presença em determinado *espaço*. Os *Autores* dos territórios surgem como criadores de realidades e podemos classificá-los nas mais diversas formas. Estes *Autores* criam todo o amparo do cotidiano e surgem como os grandes interventores dos espaços. Este título genérico nos permite classificá-los em diversas formas, por exemplo:

Podemos ter os *Autores* naturais, como o Rio Torto, o vale de Campanhã, sendo este criado pela topografia através do processo secular de erosão do próprio rio. Também podemos ter os grandes objetos artificiais que suprem as necessidades cotidianas, os que associamos a uma imagem ou identidade, e os que movimentam grandes fluxos de pessoas, sendo estes objetos associados a uma grande razão de ser. Não há autoria arbitrário para a questão do território. Estes últimos exemplos são os que em na maioria dos casos compõe o campos das exceções no papel da constituição de cidade contemporânea. Nesta composição de cidade incluem-se as moradias, o lazer, bens e serviços e as redes de infraestrutura, sendo alguns destes os atores deste território.

Estes elementos que caracterizamos como *Autores* artificiais podem ser criadores de realidades, de espaços que mudam eventualmente, carregando consigo símbolos contemporâneos, fenômenos migratórios sazonais, movimentações pela cidade e dinâmicas efémeras, podendo ser associados a e ideia daquilo que Rem Koolhaas chama de *Junkspaces*.[1]

A imagem aérea ao lado consegue exemplificar a mensagem transmitida nesta introdução. Nela, conseguimos ver o espaço que foi conformado e consolidado pela topografia do vale de Campanhã, em seguida vemos os agentes naturais mais uma vez se impondo através da presença do rio e por ultimo vemos as grandes infraestruturas de amparo ao cotidiano. A soma da relação estabelecida entre estes três agentes acabam por delimitar as diversas formas de ocupar e habitar este território. A localização das casas, as zonas verdes públicas e as formas de utilizar as margens do rio, todas estas desidrêmico são - não obrigativamente - induzidas pelo poder de influencia destes autores.

1 Rem Koolhaas em *Junkspace*. Outubro de 2002.

Figura 4.2
Residencia Unifamiliar
Lugar de São Pedro
Vale de Campanhã
2024
Foto do Autor

Já para o que definimos como *Atores*, apesar de ser uma parte indissolúvel desta equação, estes são distintos e determinados por outros parâmetros. A questão de nós humanos como seres culturais e antropológicos e a questão da circunstancia do tempo são fatores que definem o ato de ser *Ator em um território* e o diferencia dos *Autores.* A escala das operações também reduzem os *atores*, os fazendo operarem nos meios que são oferecidos muitas vezes por eles próprios se considerarmos que somos nós os que construímos nosso próprio mundo.

É como a casa que vai de encontro ao morro, a aparelhagem de pedra local que é usada para a construção ou o peixe fresco para a refeição que antigamente vinha do rio lado. Esta segunda classificação está diretamente associada a condição humana. O ser *Ator* em um território, neste caso soa como uma abordagem conflituosa, pois parece geograficamente redutor do poder do povo como agente construtor, tratando suas intervenções como algo que está ali completamente sujeito as decisões e os limites geográficos de outros. Também parece ser redundante pelo facto de sermos nós próprios, os Humanos, os que constroem ou alteram os grandes *Autores do território.* Esta é uma classificação que se justifica e valida-se não somente por sua lógica, mas também pelo facto de nos por a pensar essas questões.

É como se neste caso, *Ator* e *Autor* fosse quase a mesma coisa, pelo facto de ambos partirem do mesmo criador. Todavia, esta separação entre *Autor e Ator* é sugerida por conta da questão dos interesses públicos e da interferência de agentes exteriores versus o bem comum e a comunidade local. As ditas interferências externas, através de suas decisões, acabam por implantar - Sem propor, pois isto implicaria um diálogo com a comunidade - mudanças para zonas especificas e, muitas vezes estas não são acompanhadas ou participadas com as comunidades destes determinados locais. Infelizmente ainda existe a cultura de implantar novos autores em um território sem se quer introduzir a participação dos atores preexistentes daquele local nesta discussão. Lembro-me com clareza de conversas com a comunidade do vale de Campanhã e de suas queixas, era como se tivessem muita vontade de ter participado das discussão relativas a implantação de determinados projetos naquela zona. Diziam “Foram-se quatro ou cinco anos com estes tapumes e nós só viemos efetivamente saber do que se tratava quando estava pronto.”

A divisão entre as classes sociais, as muitas ideias para a cidade, o espaço geográfico e os interesses do capital, fizeram com que o homem criasse o espaço que posteriormente o delimitaria torna-o sujeito a si próprio.

Figuras 4.3 e 4.4
Agricultura na margem do rio Torto
Morador do Lugar de São Pedro
Vale de Campanhã
2023
Foto do Autor

Dentro deste contexto de conflito unilateral criado pelas formas contemporâneas de ocupação humana, onde existe a questão dos *Atores* que atuam dentro de um espaço delimitado, sob as forças de influencia dos *Autores*, existe um espaço físico no qual podemos chamar de *Território, Bem Comum.*

É neste espaço físico que nós encontramos a oportunidade de nos organizarmos em comunidade, viver o cotidiano mediante nossas tradições e exercer nossa humanidade no meio social que estamos inseridos, sob a mediação do espaço que nos cerca e de suas influências.

> *"O território, bem comum, construído em cada lugar pelos seus habitantes, geração após geração, com as suas particularidades identitárias e paisagísticas e a sua especificidade histórica, é indivisível, uma vez que o lugar é um só, único no mundo."* [2]

O pensamento exposto por Magnoghi trás justamente uma ideia de representação deste espaço. Este território seria o espaço compartilhado e criado por determinada comunidade. Esta ideia pode ser vista com mais clareza nas zonas mais periféricas das grandes cidades. Nas cidades europeias, é mais comum observar estes núcleos nas regiões mais afastadas dos centros, nos bairros operários e lugares com menos "atratividades". Nestas zonas, por conta da morfologia da cidade e de estarem perifericamente ao redor dos grandes centros, estão mais diretamente expostos as grandes infraestruturas de transporte, logísticas, fábricas, estádios e outros grandes *Autores*. Também nestas zonas, os fenômenos do turismo ainda não alteraram demasiadamente a aparência e as dinâmicas daqueles pequenos territórios, que por si já são condicionados as forças dominantes dos agentes mencionados a cima.

Estes pequenos território que em sua maioria representam aglomerados urbanos, são palco para as construções sociais e no caso do vale de Campanhã, naturalmente possuem relações mais estreitas com os recursos naturais, como uma herança que persiste apesar do tempo e das novas dinâmicas contemporâneas. As pessoas que vivem nos pequenos *Território Bem Comum* no lugar de São Pedro, apesar do estado atual da organização espacial do bairro e do "esquecimento" do Rio Torto, ainda são fortemente apegados ao espaço no qual pertencem, possuem uma clara lembrança dos dias com os quais podiam partilhar mais do Rio, e tem uma ideia muito clara do que esperam do futuro daquele espaço.

2 Alberto Magnoghi em *A Bioregião Urbana*. Um pequeno tratado sobre o território.

Figuras 4.5 e 4.6
Margem esquerdado Rio Torto
Lugar de São Pedro, Porto
2024
Fotos do autor

Um possível projeto para a reorganização daquele espaço, e especialmente uma nova vida para o rio já está lá. As pessoas que ocupam aquele núcleo urbano são o projeto do seu próprio território. O que de facto é necessário ser feito, seria abrir um diálogo entre os moradores e o poder público ou privado, um agente que seja efetivamente capaz de propor uma mudança, ou uma revisita ao passado daquele espaço, reconstruindo sua história a partir dos relatos dos que a viveram.

Depois de feito metade do percurso, sendo este iniciado no momento de encontro entre o Rio Torto e o Douro, junto ao Palácio do Freixo, refletimos sobre as sensações que com os quais ficamos. Desde a foz do Rio até a conversa com os moradores na zona da Granja, e por último, A incursão nos espaços mais recôncavo do rio, revisitando palavras, temos um rio no qual o ouvimos muito mais do que o vemos.

Reforçar-se que a primeira percepção é justamente o momento de encontro do Rio Torto com o Douro. É um encontro as escondidas, pouco dignificado e sufocado pelas por infraestruturas. Naquele espaço poderia ser pensado um melhor aproveitamento para esta zona, mostrando o momento de encontro entre os dois rios. Uma outra impressão que temos, depois de percorrer este espaço é que o rio de facto cria uma barreira, agindo como um muro natural que divide aquele espaço. Não só a questão da água que em si não é muita, mas a grande questão acaba por ser o tratamento de suas margens, ou melhor, a ausência deste tratamento, criando esta divisão que nos permite dizer que daqui pra lá é uma coisa de lá para cá é outra. Esta barreira é constituída pela junção de três agentes naturais: o rio, a topografia do espaço e a vegetação, no qual o último destes três fatores ocupa uma posição chave na identidade daquele espaço.

Se considerarmos que estamos subindo rio acima, do lado esquerdo temos uma vegetação mais baixa e espaçosa, mais visitáveis e com eventuais possibilidades de ver o rio. Esta margem nos mostra uma maior domesticação deste espaço, revelando-se pequenas lavouras e zonas de agricultura familiar. Por representar uma cultura de lugar passada por gerações, esta forma utilização da margem esquerda do rio pode ser considerada um potencial diretriz para projetos futuros. Já do lado direito, antes de tudo, a própria topografia nos dá indícios de uma dificuldade de acesso, em seguida a vegetação que ocupa aquela margem é muito mais densa e alta, deixando a impressão de que os edifícios que ocupam a cota mais alta desta margem do rio, por vezes estão a flutuar sobre a copa das arvores

Dois outros pontos que chamam a atenção ao visitar este espaço, e que possivelmente possam ser diretrizes a serem trabalhadas em futuros projetos para aquela zona são: o facto do rio ser atualmente um Autor muito mais sonoro do que visual, o escutamos muito mais do que o vemos e, o desafio da barreira física, o simples ato de atravessar de uma margem para a outra daquele rio. Do lado esquerdo do rio estamos no Porto, já do lado direito estamos em Gondomar.
O Simples ato de atravessar esta barreira física constituída por aqueles agentes naturais - a água, a topografia e a vegetação - torna-se um grande desafio e é algo que faz falta. Segundo os moradores é preciso dar uma volta muito grande para acessar a outra margem do rio e, consequentemente estabelecer esta ligação entre o Porto e Gondomar naquele espaço. Já a questão do Rio que não se vê, nos põe a refletir sobre qual o tipo de abordagem deve ser utilizado no futuro, uma vez que o rio tem diversas faces, sendo do lado esquerdo cultivável, do lado direito selvagem e como um todo algo silencioso e pouco visível.

Uma última, porém, muito importante impressão, foi a ideia da proteção do local através de um censo duplo de pertencimento. Aquele pequeno Território bem comum lhes pertence e é na mesma medida que eles pertencem a aquele território. Todas as pessoas que abordamos no decorrer da visita, tinham como primeira reação uma espécie de instinto territorialista e de olhares desconfiados para os que visitam. Depois percebemos que existe um sentimento de proteção do rio e da terra, como algo que os pertença e que também, por encontrar-se em uma situação pouco convidativa, não fazia sentido para os moradores ver pessoas o visitando. Talvez por utilizarem o território por gerações de maneira não juridicamente oficial, exista um receio de perca. A outra via desse pertencimento se dá pela cultura daquelas pessoas e da relação delas com o espaço. A história de todos pareciam se cruzar com a história do pequeno rio.

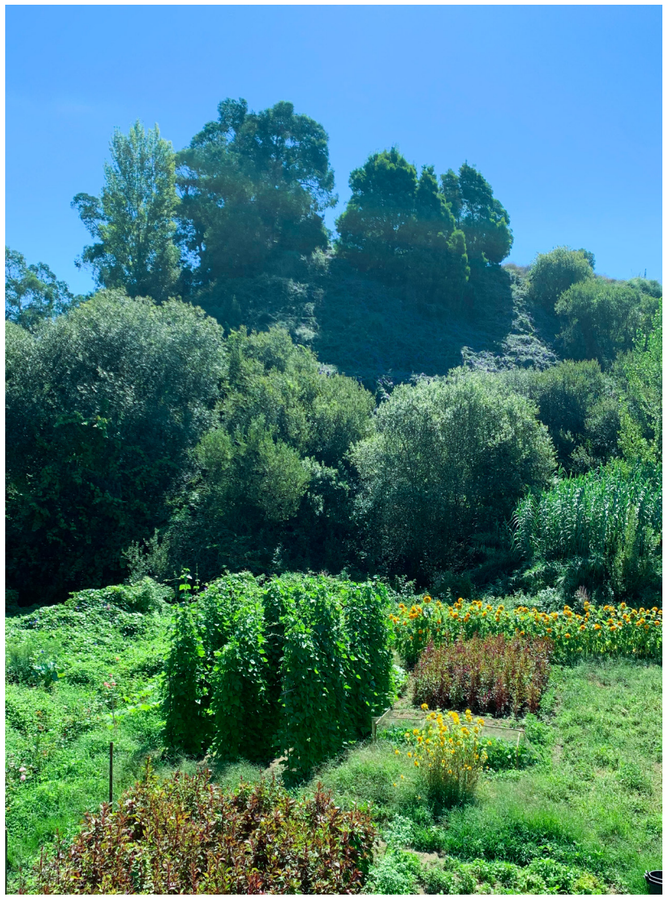
Ainda sobre este percurso, em determinada altura na viagem pelo rio, começamos a ver determinadas abordagens do terreno. São principalmente duas: A que mais implicam uma espécie de humanização da margem, nomeadamente o reforço dessa ideia preexistente da criação de espaços agrícolas e, logo a seguir nos aparece-nos o rio com um caráter selvagem. A grande questão seria como podemos combinar estas duas coisas tão distintas em um único projeto. Um projeto que fosse integrado para estas zonas, mantendo aquilo que é o lado selvagem por um lado, dando a hipóteses das pessoas de poderem aproveitar o terreno de maneira a dar uma função agrícola, e combinar com lazer e com ócio.

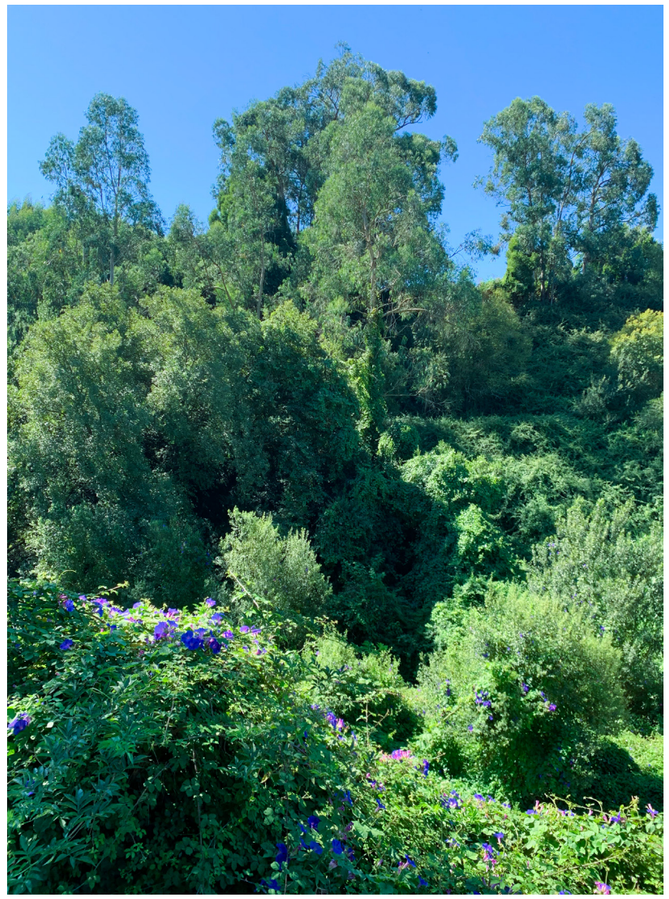
A questão dos indícios que o próprio espaço nos dá é provavelmente o melhor programam de necessidade que poderíamos implementar naquele espaço. Seria uma continuação combinada entre a vontade do espaço e seus agentes, e a vontade dos que manuseiam aquele território e sempre se relacionaram com o rio. O programa já existe e as pessoas neste caso são responsáveis por uma continuação do espaço em que elas vivem. O Programa que aquele território nos pede é algo que se divide entre *memória, espaço e continuidade*.

Para que de facto algum projeto cumpra sua função naquele território, ele deve estar profundamente ligado a *Memória* da população, o que implicaria em trazer de volta a possibilidade de tocar no rio, de se molhar e de continuar a produzir novas memórias afetivas naquele espaço. Já a questão do *Espaço* como uma ferramenta de utilização entraria nesse projeto como o reforço da ideia preexistente da agricultura local, portanto seria importante desenvolver um projeto que utilizasse dos recursos da água para produzir, antes de tudo alimento, e depois uma arquitetura da paisagem que confira um forte caráter identitário visual para este rio. Por último, a *Continuidade* entra com o intuito de desenvolver pequenas intervenções no rio, tornando o visitável e criando uma forte justificativa para a existência desse espaço que, passaria a ser um polo de lazer, ócio, e trabalho, reforçando a identidade do rio como agente mediador daquele território.

A implementação do último ponto implicaria a instalação de momentos de pausa, de encontro e lazer, objetos que supram essa necessidade. Também poderia se ensaiar possibilidades de instalar estas próprias vivencias de maneira mais natural, utilizando das infraestruturas do próprio rio, resinificado de alguns objetos cotidianos, algo que, como vimos anteriormente, é normal para os habitantes do Porto. É preciso criar a possibilidade de se fazer novos usos destes espaços que habitualmente possuem outras funções e só assim garantir a manutenção do rio através da forte justificativa de sua existência.

Antes de se pôr em prática operações deste tipo, é necessário defender uma abordagem que caracterize estas operações. A questão que se instaura, quando se trata de operações em agentes naturais é sempre a mesma: de que forma faremos?
Podemos intervir drasticamente e dar uma nova e completa identidade ao lugar, dando início a uma nova cultura ao espaço, ou podemos realizar operações metódicas com o intuito de proteger, evidenciar e criar meios para que a cultura preexistente se desenvolva ainda mais de maneira independente. O facto é que sempre soa controverso realizar operações em agentes naturais, especialmente nos rios. Para este tema, ficamos com duas hipóteses de abordagem, sendo estas no final das contas, repletas de similaridades.





Figuras 4.7, 4.8 e 4.9
Margem esquerdado Rio Torto
Lugar de São Pedro, Porto
2024
Fotos do autor

Um possível programa

Figuras 4.10 e 4.11
Obras de requalificação do Rio Aire
Genebra, Suíça
Meados de 2010
Fotos do Atelier Descombes & Rampini SA

Se olharmos com atenção as duas abordagens retratadas acima, vemos que uma cria a possibilidades de dar autonomia ao rio no momento de escolher seus próprios caminhos, e a outra induz de maneira mais direta o comportamento deste agente, abusando dos recursos artificiais que criam seu caminho.

Como ferramenta de suporte que nos auxiliará em decidir sobre uma possível abordagem para nossa zona de intervenção, vamos utilizar de dois exemplos bastante conhecidos: o Rio Aire em Genebra e o Rio Isar em Munique, no qual este trabalho já partilha algumas impressões. Ambos passaram por um processo de reestruturação que veio a permitir melhor uso de seus recursos e uma relação mais íntima com a população na qual estes Autores já conviviam por gerações.

Apesar das metas para estes projetos terem sido alcançados, as diretrizes utilizadas e a abordagem filosófica por trás do pensamento *de que faremos?* foram distintos. É neste momento que os conceitos de Naturalizar x Artificializar passam a ser pertinentes.

Podemos defender que, para nosso campo de estudo, nos referimos a Naturalizar quando falamos de uma abordagem que operar usando recursos similares aos que o objeto preexistente nos disponibiliza, quando temos um cuidado redobrado no que diz respeito a uma imagem de projeto e o caráter identitária do espaço que aquele Autor produz. Por último, também podemos considerar a ação e o trabalho do tempo como fator determinista para um processo de *naturalização* de determinado agente.

Ao afirmarmos que vamos intervir em algo que já existe, usando esse discurso de Naturalizar aplicado as intervenções arquitetônicas na paisagem, automaticamente algumas questões são levantadas, como:

Se é preciso tempo para a natureza agir sob os caminhos que lhe são ofertados, que caminhos são estes e quem os oferta? Seriamos nós? E isso não implicaria uma intervenção humana? Um projeto ou alteração espacial através de um processo artificial? Também outro pensamento que nos surge é o facto de estarmos criando uma imagem que possivelmente seja associado a um desejo de uma memória. O questionável nessa abordagem vem da vontade de recriamos espaços com o intuito de trazer esta imagem selvagem, embora provavelmente nunca teria sido daquela forma.

Seguindo essa linha de pensamento, ao definirmos artificializar, concluímos que isso envolve uma intervenção no objeto natural com o propósito de requalificá-lo ou domesticá-lo. Essa intervenção utiliza-se de elementos visuais locais, ferramentas e materiais semelhantes ao ambiente, alterando o objeto de maneira significativa. Embora a intervenção busque manter uma aparência selvagem, o resultado é completamente planejado e controlado por nós, criando uma natureza que, apesar de parecer espontânea, é inteiramente programada.

Esta abordagem não esconde as eventuais necessidades de implantar objetos que auxiliam o cotidiano e, uma outra diferença, sem sombra de dúvidas é a não participação voluntária do agente natural no processo de constituição do novo projeto. A ferramenta do tempo não é propriamente utilizada como algo que dê autoria e poder de decisões ao agente. Se formos ao fundo desse pensamento, eventualmente chegamos à conclusão de que estes dois nomes, aparentemente tão distintos, carregam conceitos que se sustentam sob princípios parecidos, sendo quase a mesma coisa. Sendo, o tempo, a principal ferramenta que difere estes conceitos.

LET THE RIVER RUN

Figuras 4.12 , 4.13 e 4.14
Rio Aire, Genebra
2000-2010
Fotos de Atelier Descombes & Rampini SA

A ideia de Renaturalizar o Aire surge no início dos anos 2000, com a necessidade não só de devolver o caráter natural do Rio que fora preso em uma linha reta no século anterior, mas também de utilizar este projeto como a base de uma reestruturação para todo a planície do Aire. Era triste imaginar preso em uma linha reta, o rio no qual a própria nomenclatura do seu nome carrega o sentido de leveza e de liberdade, como o ar.

A abordagem utilizada transmite este significado de tornar natural novamente, mesmo que partir de decisões ou caminhos induzidos pela vontade humana. Chamemos por Naturalizar. Esta seria a abordagem de projeto que buscar uma revisita ou a reconstrução de um passado natural, algo que normalmente antecede as intervenções humanas em determinado agente. Parece soar redundante ou um pouco falso, pois no final das contas, se formos extremamente lógicos, este termo não se sustentaria, pois o que está efetivamente sendo feito, seria só mais uma alteração proposta por nós, só que, desta vez, de maneira mais acertada e respeitosa com os agentes naturais. Projetar soluções que, quando nos convém, tragam de volta a dignidade e a identidade selvagem que nós mesmo tiramos. Seria isso Naturalizar ?

Este projeto representou o primeiro passo em uma reorganização territorial e paisagística da vasta planície ao redor de Genebra. A intervenção se fundamenta no curso de água para estabelecer novas conexões, equilibrando as demandas da produção agrícola, do desenvolvimento urbano e das áreas de lazer com a necessidade de restaurar ambientes naturais em grande escala.

Para executar este projeto e de maneira a caracterizá-lo como uma Renaturalização, para forma atribuídas duas características que marcam profundamente este projeto: primeiro, a autonomia do rio no processo de decidir seu próprio curso, conferindo ao rio a forma mais natural possível, seguindo sua própria vontade. Para isso, foi escavada uma grande malha retangular, nas quais os retângulos eram pontiagudos e pareciam seguir uma forma de diamante e, posteriormente ao romper o canal, o rio foi introduzido nesta malha.

O ato de libertar o Aire nesta malha, fez com que ele pudesse responder aos seus instintos naturais no processo de montar o seu próprio caminho. A segunda característica está diretamente justificada pela primeira, sendo esta a ação do tempo sob este projeto de rio autônomo.

O projeto do Atelier Descombes & Rampini SA para quele lugar aconteceu no decorrer de vinte anos e, este seria o tempo necessário para que o rio cumprisse sua parte no trabalho de execução do projeto.

Figuras 4.15 e 4.16
Rio Aire, Genebra
2000-2010
Fotos de Atelier Descombes &
Rampini SA

Trata-se de um verdadeiro “restauro” do território, trazendo de volta elementos paisagísticos como valas, sebes, bosques e pântanos, que praticamente desapareceram, mas podem ser identificados em documentos históricos. Na área destinada à conservação natural, que se estende ao longo de uma faixa de 80 metros ao lado do canal, terras usadas para agricultura intensiva foram transformadas em ecossistemas diversificados, criando um corredor ecológico que facilita a conexão de habitats e a movimentação da fauna local.

A segurança de pessoas e propriedades também é um aspecto crucial do projeto, que busca controlar inundações enquanto promove a recuperação dos valores naturais e paisagísticos. As medidas de gestão e armazenamento de água desempenham um papel fundamental na melhoria da segurança e na preservação do ambiente.

Um último olhar sob este trabalho nos revela uma possível intenção de separação de trabalhos. É como se na verdade fosse dois projetos, sendo o primeiro responsável pelo Rio e, o segundo responsável pelo homem que, viria a desenvolver o projeto de um parque linear para o espaço que o rio ocupava no passado.

O novo curso do rio, as plantações ao redor e os caminhos que o acompanham criam um cenário impressionante, onde se alternam vistas amplas da paisagem com outras mais restritas, emolduradas pelos bosques que indicam os antigos meandros do Rio Aire. O canal de Aire, testemunho do esforço humano para dominar as terras agrícolas, é o elemento visível das modificações propostas. As curvas do novo curso d’água se entrelaçam com as linhas retas do canal histórico, que agora se integra como uma extensão do passeio marítimo. Na área central do projeto, o novo arranjo espacial se torna mais evidente, reunindo o novo rio, o canal revitalizado e o passeio fluvial do Aire. Juntos, esses elementos compõem um “espaço público rural” que se conecta ao sistema de parques estabelecido pelo Plano Diretor Cantonal de Genebra.

Figura 4.17 e 4.18
Munique, Alemanha
Google Maps

Visitas ao Rio
Dezembro de 2023 - Maio de 2024
Apple Fotos / Maps

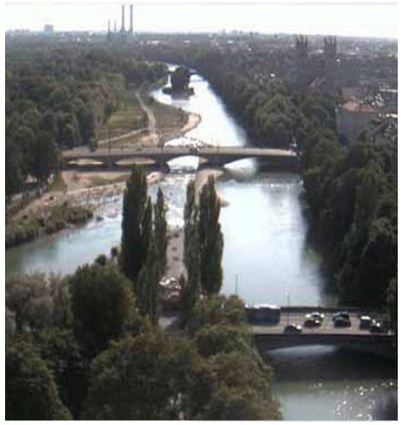
Zonas de maior familiaridade com o rio

Os trabalhos de restauração e de melhoramento da relação entre o Isar e a cidade de Munique se iniciaram desde o início dos anos 2000. O chamado Plano Isar tinha como principal foco uma proposta de realocação do rio nas partes em que mais convive com a cidade. Esta necessidade surgiu por conta das cheias e dos prejuízos causados pela incapacidade do Isar - que já tinha passado por diversas intervenções desde o início do século XIX - de receber os variantes níveis de águas vindos dos Alpes.

Poderíamos associar este projeto fortemente com a ideia de Artificializar, uma vez que, apesar de possuir uma identidade selvagem e natural, foi completamente refeito e decidido pelas mãos do homem. É mais uma das muitas operações humanas que este rio sofreu no decorrer dos últimos séculos, sendo esta sem dúvida a mais acertada e necessária de todas, carregando em si o discurso e as razões certas. Apesar do rio variar de forma consoante os níveis de água no decorrer do ano, isso em si não se sustenta para defender que a ideia de naturalizar neste projeto é tão forte quanto a do exemplo anterior. A começar pela questão da participação do rio, sendo o mesmo manejado e direcionado, sem o poder de participação na construção da imagem de projeto quando ainda era ideia. Tem o papel de agente principal do projeto, mas em sua gênese, diferente do Rio Aire, não integralmente por onde vai. Compreende-se que as escalas e os níveis de complexidade das operações são distintos e que as solicitações do projeto talvez fossem outras, mas é inegável que a abordagem e a técnica construtiva nas operações do Rio Aire fazem a separação entre estes dois exemplos.

Uma segunda questão associada ao desenvolvimento deste projeto seria a utilização do tempo como ferramenta de construção de projeto. Como não foi lhe dado a autonomia para decidir seus caminhos, o fator tempo e erosão não foram necessários para contribuir e reafirmar estas decisões. Compreende-se que as escalas de operações são distintas e que as solicitações do projeto talvez fossem outras, mas é inegável que a abordagem e a técnica construtiva nas operações do Rio Aire fazem a separação entre estes dois exemplos.

A grande ideia era desenvolver um projeto que alterasse significativamente o estado do rio naquela época, devolvendo principalmente um caráter natural e selvagem ao rio. Pensemos que o Isar até final dos anos de 1990, apesar de suas largas margens, era praticamente canalizado.



Figuras 4.19 e 4.20
Rio Isar
Munique, Alemanha
Meados de 2010
Fotos de Landeshauptstadt München

Figuras 4.21 e 4.22
Parque Flaucher
Munique, Alemanha
2024
Fotos do autor

O principal objetivo das intervenções subsequentes foi criar um “Rio Esponja”, um sistema capaz de expandir e contrair conforme as variações nos níveis de água. Esse sistema não só seria funcional em termos de controle de inundações, mas também teria um papel importante na revitalização da fauna e da flora locais. Além disso, o projeto visava proporcionar à população um espaço de lazer e convivência, fortalecendo o senso de pertencimento ao território e promovendo o equilíbrio entre a urbanização e a natureza. Ainda nos anos de 1980 já se via os estragos causados pela má gestão do rio. O Isar lutava para se libertar da linha reta de 50 metros que fora posto no início dos anos 30, sendo esta uma das mais dramáticas alterações já feitas nele. Com o passar das décadas, resultado eram sempre as anuais inconveniências causadas pelas cheias. Os prejuízos à fauna e a flora local, causados por um Isar refém da urbanidade já eram muitos. As zonas de florestas fluviais que o cercavam já estavam praticamente extintas, com a exceção do *Flaucher* (a primeira fotografia deste trabalho) que após este projeto de reestruturação, pode ser salvo e restabelecido como um dos espaços de uso cotidiano e parques fluviais mais importantes do país. Lá se pode sentir um Isar ramificado e com características muito próximas das originais, ainda que alterado e decidido pelo homem

Outro fator importante para o desenvolvimento deste projeto foi a necessidade de implantar a possibilidade de coabitar com o rio e usá-lo como ferramenta de encontros, promovendo uma serie de atividades junto ao rio, reafirmando uma forte relação entre a cidade e o rio. Estes momentos se dão partir das próprias oportunidades que o Isar nos dá. Conforme cumpre o papel de Rio esponja, vai mudando de forma no decorrer do ano e sempre segurando novas formas de percebê-lo e visitá-lo. Suas margens tornam-se extensos dos espaços públicos da cidade, convertendo-se em atrativos espaçosos de banhos de sol, refresco para o calor e momentos de encontre durante entre os meses de junho e setembro.

O investimento feito pelo estado da Baviera e da cidade de Munique, visava não somente a recuperação de um rio que cruza a cidade ao longo de oito quilômetros, mas também, de aproveitar esta virada de século para reafirmar a ideia de que é tão possível quanto necessária esta relação saudável entre rio e cidade.

O investimento financeiro a muito foi recuperado pois, este projeto realizou-se com tamanho sucesso que estreitou ainda mais as relações entre a população da cidade com o rio e, tornou este agente um dos principais pontos turísticos de todo o estado da Baviera. Munique agora possui um Autor de território forte e vivo, capaz de se reinventar anualmente, partilhar vida e memória com a cidade.

Análise prospectiva para uma linha torta

A reorganização do Rio Torto e Lugar de São Pedro

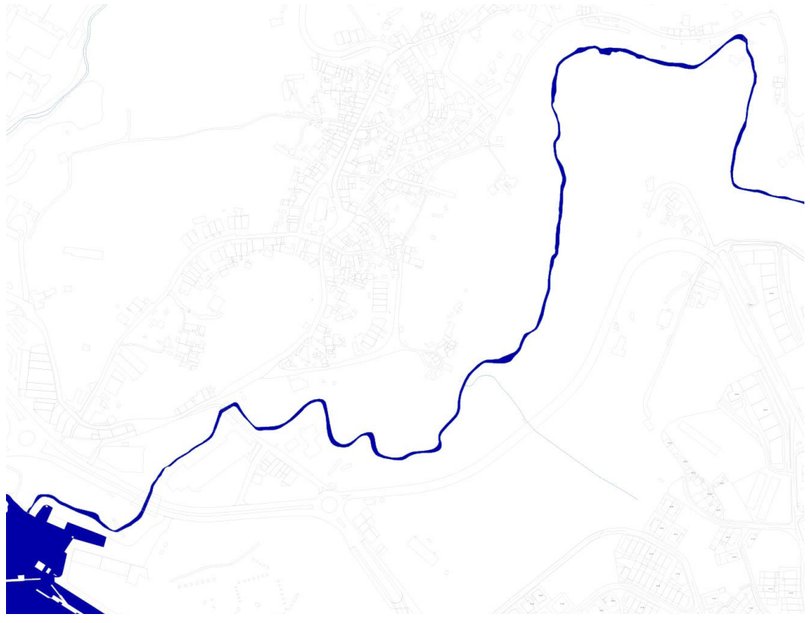


Figura 4.23
Mapa do Rio Torto
Porto, Portugal
2024
Desenho do grupo

No ano letivo de 2022/2023, na disciplina de Projeto do quinto ano do MIArq, fomos apresentados à problemática do Vale de Campanhã. Nesse momento, o foco do projeto e a metodologia trabalhada representavam um salto significativo em termos de escala e abordagem. Finalmente, estávamos saindo da habitual escala do objeto arquitetônico singular e passando a tentar resolver questões que abrangiam bairros inteiros. Intitulado "Contra-Êxodos: Atores do Território", o trabalho consistia em um conjunto de operações que, por meio de uma análise prospectiva intimamente relacionada ao território, propunha soluções para os problemas do Vale de Campanhã.

O território era amplo, com um caráter mutável e singularmente específico em cada zona. Assim, foi necessário dividi-lo em *Unidades Operativas*. Dentro dessas zonas, cada membro do grupo de trabalho era responsável por propor, com a concordância e o apoio dos colegas, um pacote de operações para as chamadas *Zonas Problemas,* estando estas inseridas dentro das *Unidades Operativas*.

A *Unidade Operativa* que me foi atribuída contemplava a foz do Rio Torto e o Lugar de São Pedro, que se tornaram os objetos de interesse desta dissertação. Parte da metodologia de trabalho consistiu na construção de um website, desenvolvido entre os meses de setembro e abril do ano seguinte. Nesse site, o visitante tem a oportunidade de explorar o território e compreender melhor as ideias de um Contra-Êxodo, além de conhecer mais sobre os Autores e Atores do território urbano, especialmente no Vale de Campanhã.

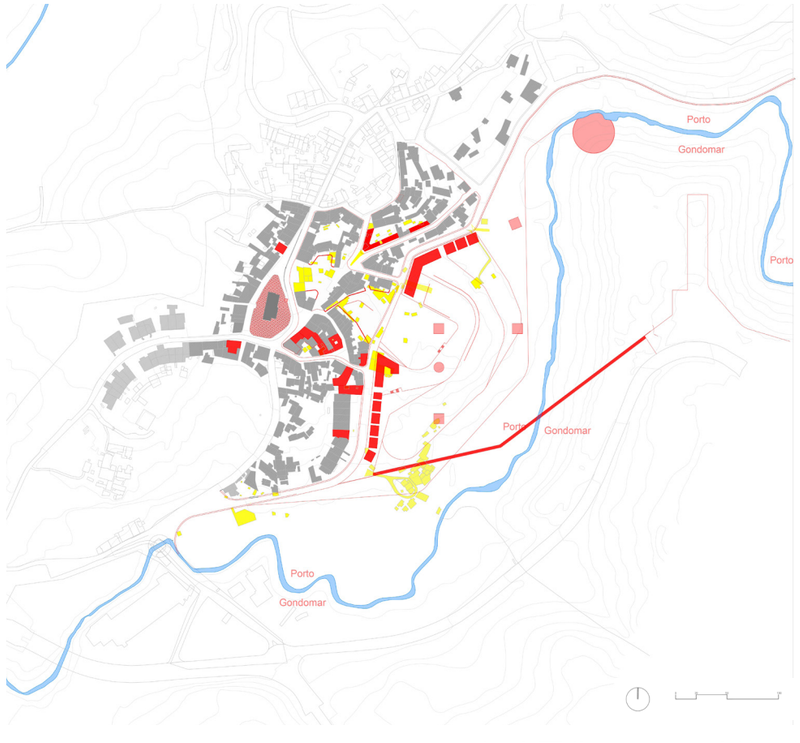
Abaixo, deixo o convite para uma eventual visita. Este trabalho foi realizado com o esforço e a colaboração dos colegas Lúcia Margarida Araújo, Matheus Astore, Sofia Eiriz e sob a orientação do professor Mário Mesquita.

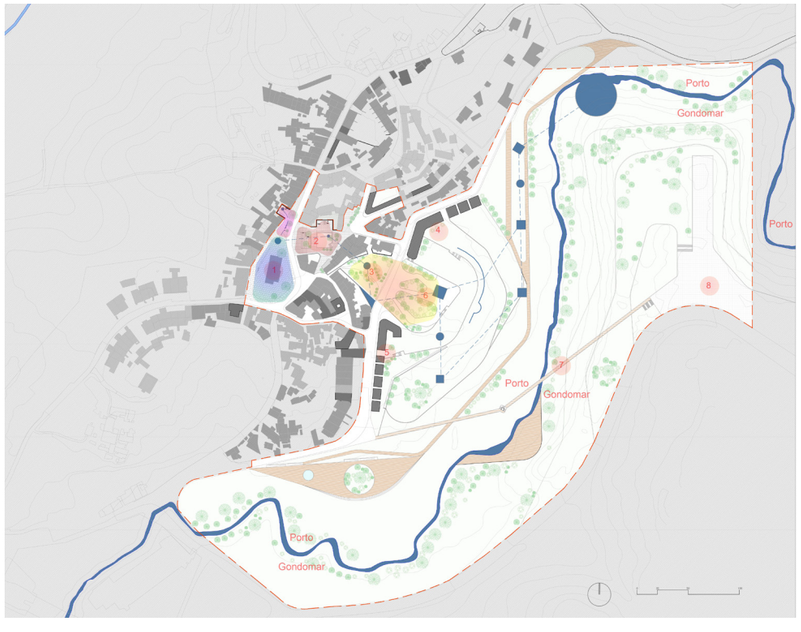
Figuras 3.24 e 3.25
Lugar de São Pedro
Porto, Portugal
2024
Google Earth

Figuras 3.26 e 3.27
Lugar de São Pedro
Porto, Portugal
2024
Google Earth

Figura 4.28
Mapa do Rio Torto
Porto, Portugal
2024
Desenho do grupo

Primeira proposta
2022/2023

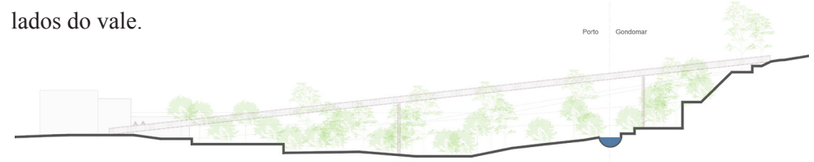




Figuras 4.29 e 4.30
Vermelhos e amarelo
Masterplan geral
Desenho do grupo
2023

A primeira proposta para esta zona, apesar de levar em consideração o programa que o próprio lugar sugere, optou por focar numa possibilidade de reestruturação do núcleo urbano do Lugar de São Pedro, fazendo do rio um agente secundário no processo de reestruturação da zona.

A intenção é que, através do desoculpar as áreas precárias próximas ao rio, propor um possível relocar desza população, lhes dando espaço nas novas construções sugeridas no tecido urbano do lugar de São Pedro. Também se propôs um parque urbano acompanhando o curso do rio e uma passagem pedonal que ligasse os dois lados do vale.



Figuras 4.31 e 4.32
Corte transversal
Masterplan do Lugar de São Pedro
Desenho do grupo
2023

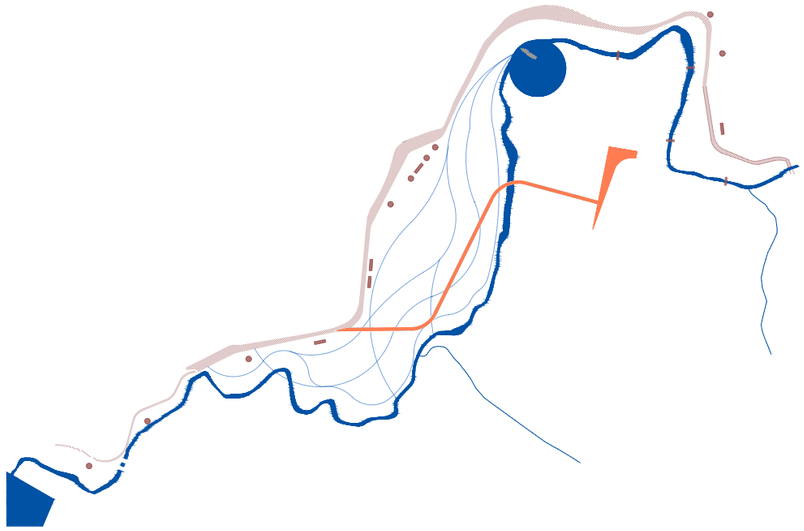
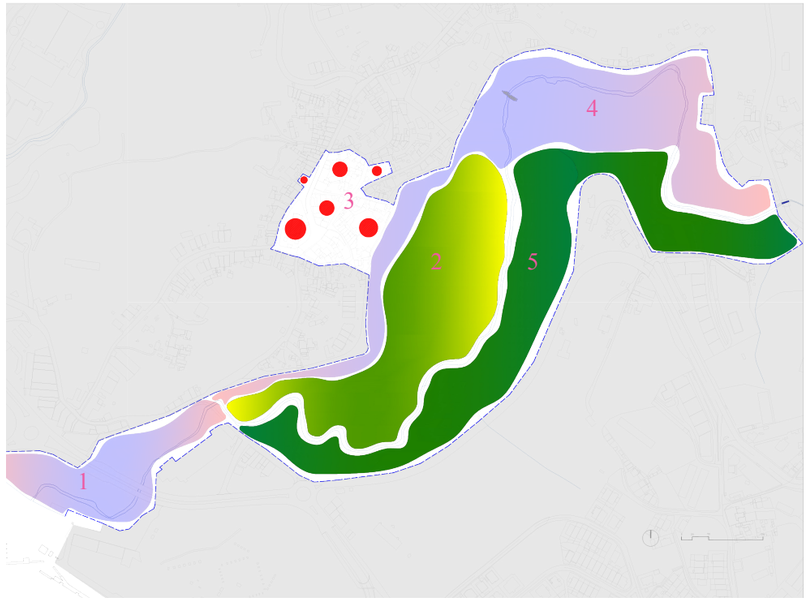


Figura 4.33
Diagrama do novo programa
2024
Desenho do autor

Segunda proposta
2024



1. Reforço da ligação entre os Rios Douro e Torto. Início do Parque Urbano de São Pedro
2. Zona exclusivamente agrícola
3. Requalificação de núcleo de quarteirões no lugar de São Pedro
4. Parque urbano
5. Zona de reintrodução da fauna e flora local

Figura 4.35
Diagrama de setorização
2024
Desenho do autor

O novo olhar lançado para este espaço, contempla ainda mais a ideia de elaboração e continuidade de um projeto preexistente. A necessidade urgente de uma reestruturação urbana na área junto a igreja de São Pedro, somado a vontade dos Atores daquele território, a manutenção e preservação dos recursos naturais e a continuidade das atividades historicamente desempenhadas naquele sítio torna-se o grande foco desta segunda abordagem. Esta proposta está constituída por seis pontos principais, sendo estes:

O primeiro ponto seria a desobstrução e criação de um início, o arranque do parque da natureza, onde podemos ver a ligação entre os Rios Torto e o Douro, sendo o as portas de acesso ao nosso território. Em segundo, a criação das zonas exclusivamente agrícolas, onde sempre existiram, podendo propor e garantir não somente o comércio, o fluxo de pessoas, o trabalho e o alimento saudável, mas também uma nova arquitetura da paisagem que fortaleça a identidade daquele lugar. Em Terceiro, a reestruturação da zona envolvente a igreja de São Pedro, requalificando os espaços públicos daquela zona e propondo moradia para os que fossem realocados das áreas de ocupação precárias ou irregulares próximos ao rio. O quarto ponto seria o parque urbano, que constituísse um limite físico entre o meio urbano e a natureza, sendo este em seu final, alargado e se estabelecendo como um parque da natureza, que nos possibilitaria visitas e estar junto ao rio nos dias quentes. Em quinto, a proteção da margem direita do Rio Torto, criando a possibilidade manter e reimplantar a fauna e a flora local. Por último, criar a possibilidade de cruzar o vale através de uma ponte pedonal que ligasse Porto e Gondomar. Sendo este não somente uma infraestrutura de passagem, mas também uma extenuação do próprio parque, propondo uma nova perspectiva visual de todo este complexo.

Este projeto propõe o uso da água do próprio rio para criar a divisão entre os lotes agrícolas. Durante as visitas ao local, percebia-se que existia um redirecionamento dos recursos da água naquela parte, onde através de pequenas veias d´água que cruzavam a margem esquerda do rio, tornando possível a manutenção e o cultivo daquela terra.

Outro fator importante foi a decisão de onde implantar o parque urbano. A solução se deu través de um parque que se inicia no encontro dos rios e segue vale acima, como um caminho relativamente estreito, sempre acompanhando a urbanidade. Nele, seria possível observar não só o bairro, mas também a nova arquitetura da paisagem proposta pelos campos agrícolas. Este estreito parque que divide estes dois mundos, seria bem servido de infraestruturas, onde se poderia suprir as necessidades dos visitantes e também comprar e vender o que fosse produzido naquela zona.

Rio Torto - Uma Análise prospectiva

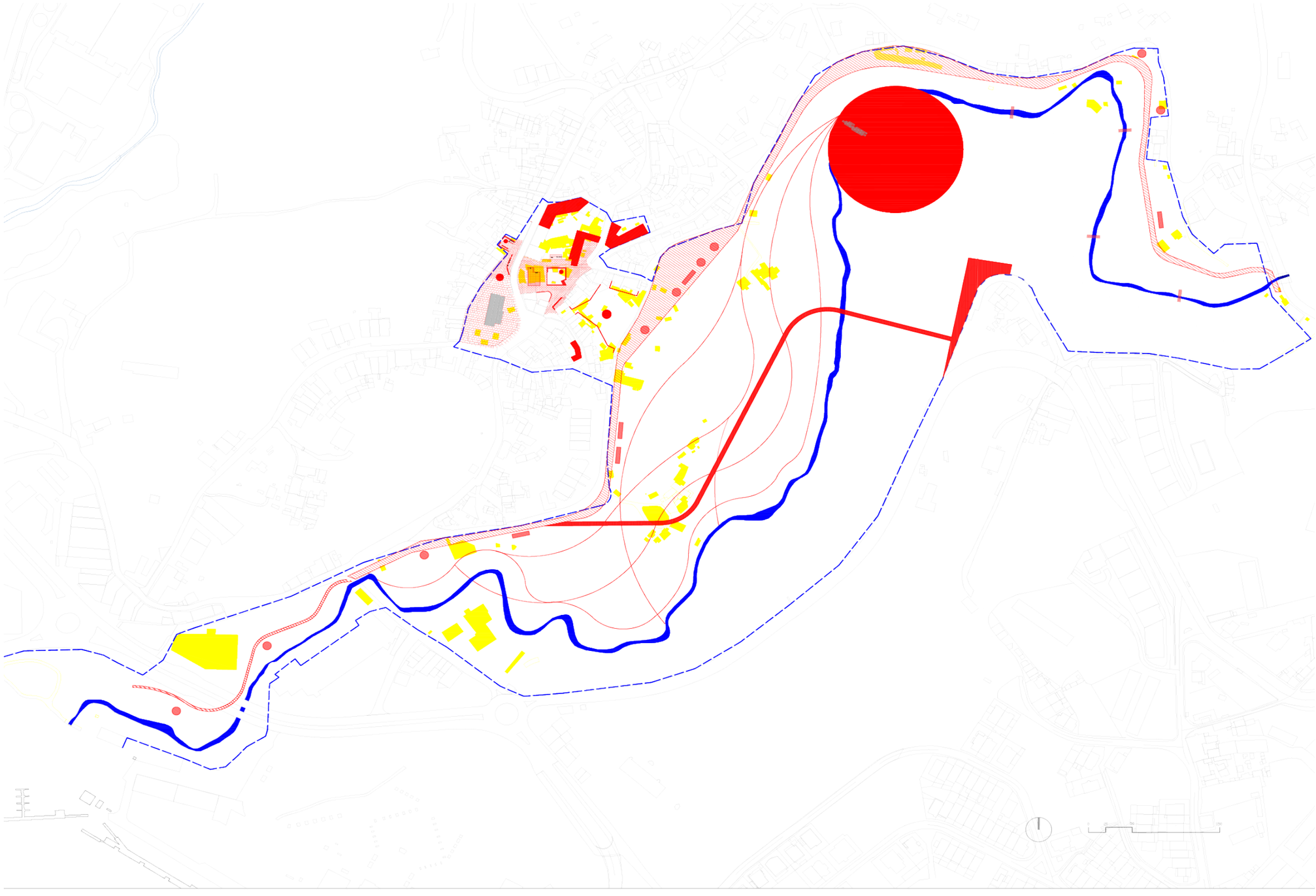
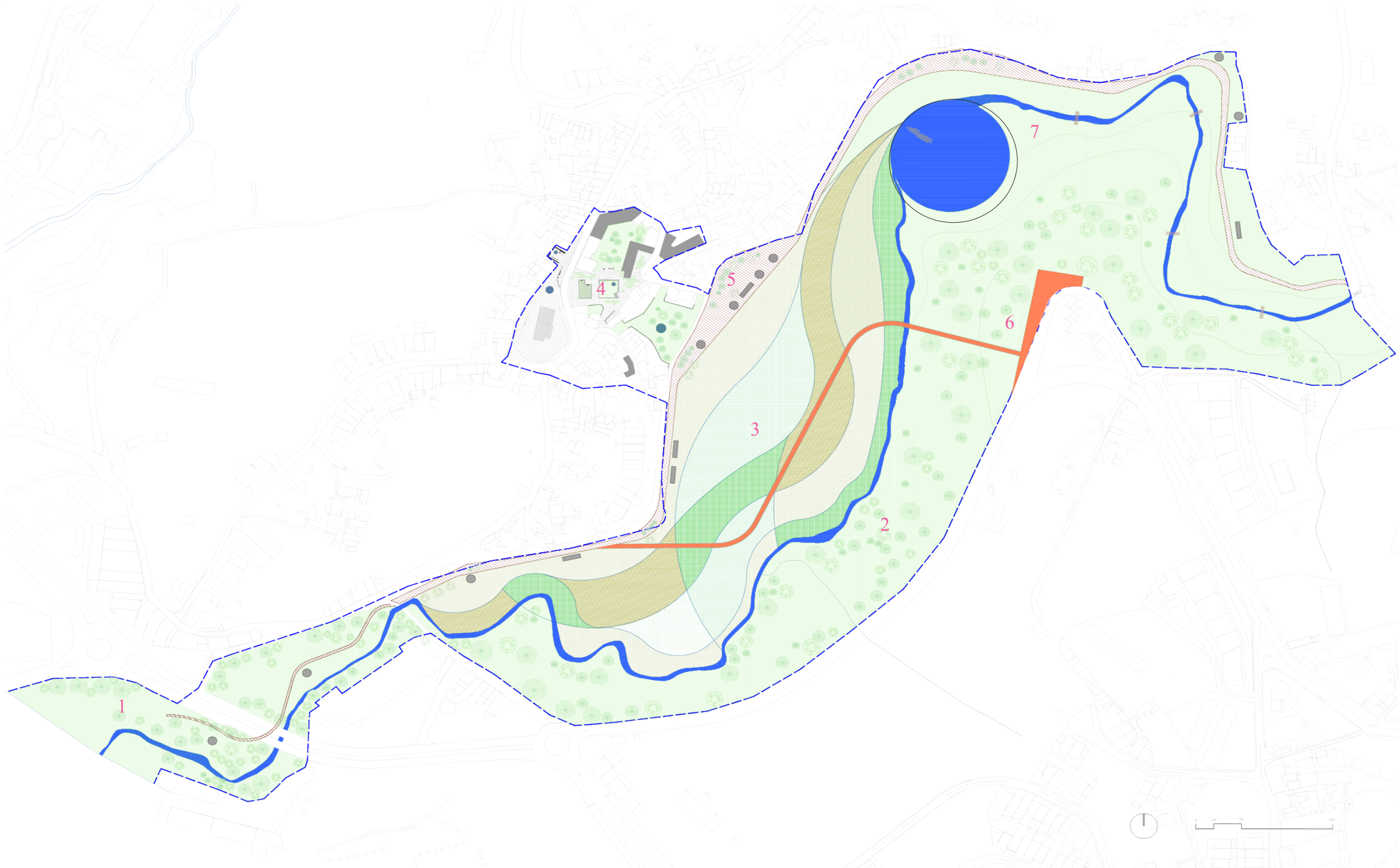


Figura 4.34
Vermelhos e Amarelos
2024
Desenho do autor

Rio Torto - Uma Análise prospectiva



1. Início do parte da Natureza (Conexão com o Douro
2. Área de preservação da fauna e flora local
3.Campos agrícolas
4. Reorganização do Lugar de São Pedro
5. Caminho pedonal. Bens, serviços e acesso ao parque.
6. Ponte Pedonal. Conexão Porto - Gondomar
7. Parque da natureza de São Pedro

Figura 4.37
Masterplan
2024
Desenho do autor

1. Novo largo da Igreja de São Pedro
2. Praça inserida no casario
3. extensão do largo da Igreja. Praça de São Pedro
4. Parque urbano. Conexão entre meio urbano e natureza
5. Caminho pedonal. Bens, serviços e acesso ao parque.
6. Zona de cultivos. Campos agrícolas
7. Novos edifícios de moradia e comércio

Figura 4.36
Núcleo de quarteirões no lugar de São Pedro
2024
Desenho do autor

Considerações Finais

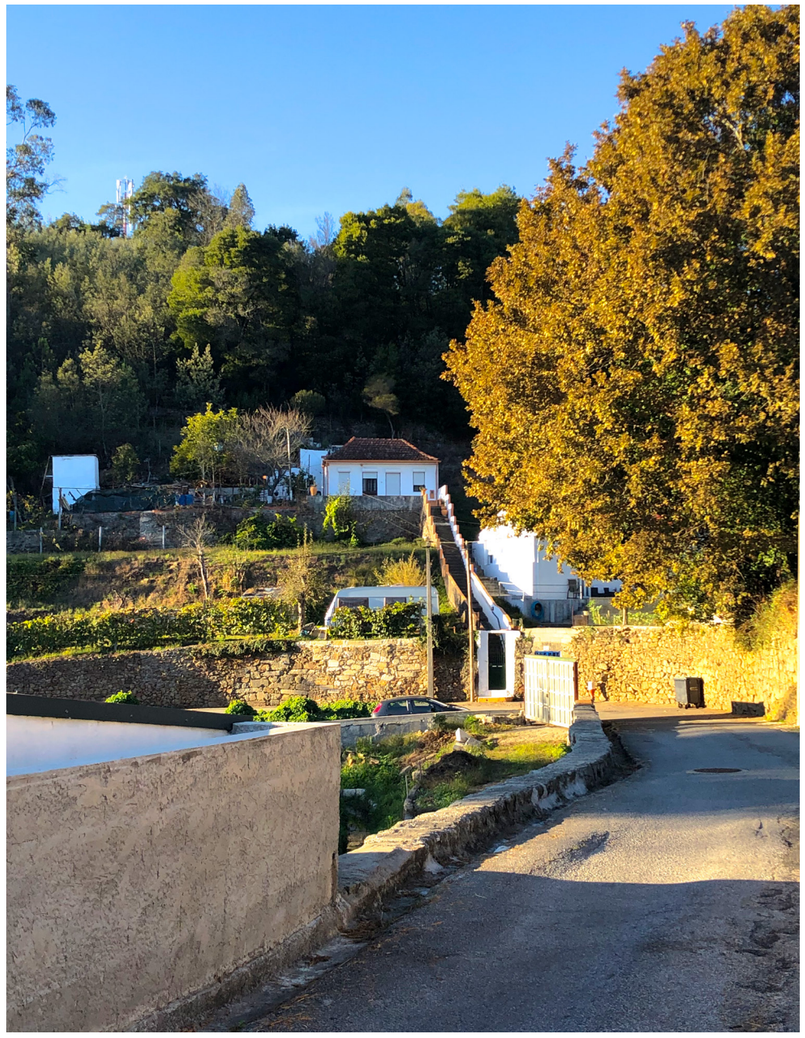


Figura 4.37
Casa do Senhor José dos Reis
São Pedro, Rio Torto
Porto
2024
Foto do autor

Ao nos aproximarmos do final deste trabalho, encontramos algumas dualidades que emergem ao longo de seu desenvolvimento. Todas derivam de uma característica central: a constante presença da artificialidade humana em contraste com a natureza ao nosso redor. A partir dessa coexistência, surge um vasto leque de possibilidades, questões sobre como e quando intervir, e como lidamos com o espaço físico que continuamente transformamos.

Este estudo é, essencialmente, uma observação contínua sobre a interação entre o natural e o artificial, sempre sob a perspectiva do observador. O trabalho conclui com um convite ao leitor para refletir sobre as interações discutidas nos capítulos anteriores, propondo uma reconsideração da relação com o território, em especial com a área do Rio Torto. Não apenas a necessidade de revisão dessa área justifica este estudo, mas também a curiosidade do autor sobre a linha d'água e sua relação com a cidade. Essa observação é, simultaneamente, rica e comum, algo presente em diversas partes do mundo.

A bordagem utilizada, apesar de trazer o leitor para um circulo íntimo, segundo algumas das experiências vividas pelo autor no decorrer dos ultimos 5 anos, expoe um panorama das relações de troca entre espaço geográfico natural e as geografias construídas pelo homem. Apesar da grande vontade por trás deste trabalho estar no Rio Torto, no vale de campanha, o trabalho não se prende somente a este espaço. Como forma de embasar, exemplificar e mosrtar que é possível estabelecer uma relacao de troca mais equilibrada entre aquele rio e sua população, o trabalho faz uma pertilha que iniciou-se no Porto - Portugal, passando no decorrer dos anos por Veneza - Itália, Munique - Alemanha , Rio de Janeiro- Brasil, Bregenz e Bludenz- Áustria e finalmente de volta ao Porto, em Julho de 2024, onde podemos encerrar este ciclo de análises.

Esta troca nos permitiu, mesmo que de maneira resumida, revisitar alguns momentos de interação muito importantes entre aquilo que é natural e aquilo que é humanamente construído. Permitiu-nos refletir mais uma vez a cerca dos desafios de se fazer cidade em um território específicos, pensar sobre a influencia das grandes infraestruturas que trabalham como artérias fazem a cidade contemporânea acontecer e também compreender que a cidade muda, e que deve mudar. Até mesmo as coisas com caráter ou funções específicas devem, se inseridos no contexto de cidade, ser capaz de fazer mais de uma coisa, como por exemplo, o uso diário, sazonal, empírico, cultura e performático dos aparelhos de apoio ao cotidiano.

Os Exercícios de deriva juntamente com as observações cotidianas nos leva a refletir sob o futuro da cidade como organismo vivo, algo que não gera somente capital mas que também é uma resposta social o nosso empirismo e da nossa condição humana.

O passado, a cultura, a história, o "de que forma faremos?" São ferramentas que não somente nos protege de ilusões de determinismos geográficos, mas também são elementos fundamentais para a construção de um futuro alinhado com o desejo humano. Os elementos finaids que constituem este trabalho, quando combinados resultam numa análise prospectiva para o vale do Rio Torto, sendo esta um produto final que leva em consideração e insiste em transmitir uma vontade que está alinhada com a daquela comunidade. O projeto é social não somente pela redundância de estarmos organizados e produzindo em sociedade, mas sim pela vontade naturalmente humana de continuar.

> *"A mesma força que derruba as pedras é a que garante a construção de uma catedral: a geometria, a matemática, e assim por diante. Em outras palavras, nós somos parte da natureza, mas de uma forma nunca vista antes, a forma humana. (...) Nossa vida individual é extremamente breve — cem anos não são nada quando falamos em milhões, dez ou vinte milhões de anos.*
>
> *Apesar da vida tão breve que temos, não quer dizer que: se sabemos que vamos morrer, não nascemos pra morrer, nascemos pra continuar".*
>
> *Paulo Mendes da Rocha, 2021*

O pequeno trecho extraído da última conferência concedida pelo arquiteto em 2021, pouco antes de falecer, nos faz refletir sobre a condição humana e nossa presença na nature, como parte dela. Fica claro em nossas mentes por que insistimos que o que é feito pelo homem é artificial, sendo que, até em nível molecular, somos natureza, sendo nossa composição química, o mesmo material que o resto da natureza. O problema, ou, a forma com que gerimos nossa vontade de continuar é o que cria nossos problemas. Nossas ações nos condenam.

Nossa forma de construir e intervir na paisagem é o que cria barreiras, nomenclaturas e determinismos, resultando em um distanciamento que nos coloca em oposição à natureza. Vivemos situações irônicas: somos parte da natureza, mas a alteramos e destruímos, criando conceitos e soluções para problemas que nós mesmos geramos, como nos casos dos rios Aire e Isar.

Se há alguma graça em tudo isso, talvez resida na beleza gerada por esse *Pólemos*, o conflito criador de caos humanamente induzido. Essa dissonância de atitudes e pensamentos, que por vezes engendra beleza, sempre nos incita a uma reflexão incessante. No entanto, como forma de concluir este exercício, e mais ainda, como convite a um olhar mais atento sobre nossas cidades, propõe-se algumas reflexões.

Primeiro, o desejo de reafirmar a importância de olharmos com mais cuidado para nossas cidades. Que possamos interagir mais com os objetos que sustentam nosso cotidiano, facilitando nossa vida e os modos de habitar. Que os píeres continuem sendo pontos de encontro, permitindo banhos nos rios, e que pontes e passarelas se tornem não apenas vias de circulação, mas também oportunidades de observação mais sensível sobre a cidade à qual pertencemos e onde nos reconhecemos. Que os momentos criados pela presença da água nas cidades sejam mais valorizados, sempre estimulando interações entre os habitantes.

Em segundo lugar, que os grandes *Atores* do território, sejam eles as grandes infraestruturas físicas ou as pessoas com poder para moldar as dinâmicas urbanas, adotem uma abordagem mais humana, regionalista e comprometida com a agenda sociocultural dos *Autores* das comunidades. Não há identidade ou cultura de lugar sem a preservação da memória dos habitantes, sem proteger a história e promover o bem comum. O bem estar das cidades dependem da reafirmação e da manutenção da conexão entre passado e presente, entre comunidade e espaço.

Por fim, quanto ao lugar de São Pedro e ao Rio Torto, resta a reflexão sobre uma possível intervenção. Essa intervenção, no entanto, deve nascer a partir dos interesses da própria comunidade, de sua vontade de continuar a pertencer àquele espaço. Sendo o rio o elemento central dessa zona, ele clama por maior visibilidade e participação. Ele pede por uma intervenção que respeite sua memória e história, e que traga um programa alinhado ao seu uso histórico. O Rio Torto é um rio que se vê pouco, mas muito se ouve, seja através dos relatos, seja nos momentos de silêncio que ele cria em seu entorno.

Assim, ao final deste exercício, espera-se que essas reflexões possam abrir caminhos para uma nova forma de pensar e viver os territórios, em harmonia com sua história e seus habitantes.

Referencias bibliográficas

Berman, Marshall. *All That Is Solid Melts into Air: The Experience of Modernity. New York*: Simon & Schuster, 1982.

Berenstein, Paola Jacques. *Apologia da deriva, escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de janeiro: Editora casa da Palavra , 2003.

Borden, Iain, e Katerina Rüedi Ray. *The Dissertation: An Architecture Student's Handbook*. Oxford: Architectural Press, 2006.

Costa, Lúcio. *Registros de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

Cryslet, Greig. Cairns, Stephen. Heyne, Hilde. *The SAGE Handbook of Architectural Theory*. Londres: SAGE Publications, 2012.

Debord, Guy. *A teoria da deriva*. Paris: Revista internacional Situacionista, 1958.

Flusser, Vilém. *Natural:mente*. São Paulo: Editora Annablume, 2011.

Giudici, Maria Shéhérazade. *The Street as a Project: The Space of the City and the Construction of the Modern Subject*. PhD diss., Delft: Technische Universiteit Delft, 2014.

Graça Dias, Manoel. *Ao Volante Pela Cidade: Paulo Mendes da Rocha*. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

Halbwachs, Maurice. *A Memória Coletiva*. Paris: Alcan, 1925.

Koolhaas, Rem. *Junkspace*, Notting Hill Editions, Londres, 2008.

Kubler, George. *The Shape of Time*. New Heaven: Yale University Press, 2008.

Lestienne, Remy. *O Acaso Criador.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Magnaghi, Alberto. *A Biorregião Urbana. Pequeno Tratado sobre o Território, Bem Comum*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2017.

Martí Arís, Carlos. *La cimbra y el arco*. Madrid : Fund.Caje de Arquitectos 2008.

Mendes da Rocha, Paulo. *Uma Genealogia da Imaginação*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Mendes da Rocha, Paulo. *Designed Future*. New York: Monacelli Press, 2016.

Mendes da Rocha, Paulo. *Selected Writings*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013

Moore, Rowan. *Propriety, the myth that build the world*. Londres : Faber & Faber, 2012.

Ramírez, Juan Antonio. *Como escribir sobre arte y arquitectura*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2005.

Santos, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

Sontag, Susan. *Against Interpretation, and Other Essays*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1966.

Stake, Robert. *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

Tafuri, Manfredo. *Teorias e História da Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

Treib, Marc. *Doing Almost Nothing: The Landscapes of Georges Descombes*. Novato, CA: ORO Editions, 2019.

Wittkower, Rudolf. *Architectural Principles in the Age of Humanism*. London: Warburg Institute, University of London, 1949.